

HISTÓRIAS SOBRE APRENDER E ENSINAR COM E NA NATUREZA

**Um percurso formativo
para professores da
educação básica**

SUMÁRIO

Histórias sobre aprender e ensinar com e na natureza: um percurso formativo para professores da educação básica

10	1. Pátios, praças e jardins para as infâncias
12	História: Não está enxergando nada?
23	Pauta formativa para a educação infantil
43	2. Cidades, bairros e territórios educativos
44	Histórias: Gosto de ser livre
51	Mudou muito minha visão
58	Pauta formativa para a educação infantil, ensino fundamental I e II
86	3. Terra, alimentos e origens da vida
88	História: Tempos e ciclos do que é vivo
100	Pauta formativa para ensino fundamental I e II
124	4. Parques, áreas protegidas e natureza selvagem
130	História: Se você nunca veio num lugar desse, você não conhece o mundo
141	Pauta formativa para ensino fundamental II e ensino médio

APRESENTAÇÃO

A cidade somos nós e nós somos a cidade. E o tipo de cidade que desejamos depende do tipo de pessoas que queremos ser. E o tipo de pessoas que queremos ser depende das escolas que iremos construir e frequentar.

Paulo Freire 

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo. O filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora*¹ retrata como crianças de diferentes nacionalidades têm sentido a privação de liberdade no espaço e a falta das experiências ao ar livre, e os efeitos deletérios na saúde e desenvolvimento integral de crianças e adolescentes decorrentes desta situação.

O modo como as cidades são modeladas tem forjado a forma como se tem vivido a infância nas cidades. Constatamos no filme que esta tendência não se restringe ao Brasil, e que em muitos lugares do mundo, por uma soma de fatores complexos, as crianças têm passado a maior parte do tempo em ambientes fechados e ressentem a ausência de liberdade e relação com seus territórios.

Como podemos transformar esse cenário e assegurar que as crianças possam crescer e se desenvolver em contato direto com a natureza e com os espaços públicos das cidades? Ao longo dos últimos seis anos, o programa Criança e Nature-

za tem buscado caminhos para responder a esta pergunta. E acreditamos que a educação tem um papel essencial no desemparedamento da infância. Ou, como diria o educador Paulo Freire em uma frase famosa, proferida em 1992 ao participar de uma palestra: *não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa.*

Neste sentido, o programa Criança e Natureza, uma iniciativa do Instituto Alana, e o equipe de Educação, do Instituto Alana, apresentam o presente material. Ele é destinado àqueles que atuam no desenvolvimento profissional de professores - equipes técnicas de redes e secretarias, gestores, coordenadores e diretores - que se interessam em formá-los desde uma perspectiva de garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento com e na natureza. Iremos refletir sobre como o planejamento, o currículo, as rotinas, espaços e tempos escolares podem oferecer oportunidades de encontros entre a criança e o ambiente natural, favorecendo seu desenvolvimento integral por meio da aprendizagem e experiência no corpo.

CAMINHOS PARA A ESCOLA COLOCAR O PÉ PARA FORA

Ainda que os problemas decorrentes das mudanças na sociedade e do estilo de vida típico da intensa urbanização não pos-

¹ "O Começo da Vida 2: Lá Fora" é uma produção Maria Farinha Filmes em parceria com o Instituto Alana e a Fundação Grupo Boticário e tem apoio institucional do Programa da Onu para o Meio Ambiente, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Fundação Bernard van Leer, Programa Criança e Natureza, FEMSA, United Way e Children & Nature Network.

sam ser solucionados unicamente pela via da educação, esta não pode furtar-se a fazer sua parte neste todo. Assegurar direitos de aprendizagem e colaborar para a efetivação daqueles que garantem uma vivência plena da infância é a parte irrefutável que cabe a qualquer escola. Esta, como disse Freire, não pode tudo, mas naquilo que pode fazer em sua prática educativa oferece enorme potencial de transformação.

Entretanto, alcançar a experiência direta das crianças nas escolas não é tarefa simples. Para além das condições de infraestrutura e investimento de redes e escolas, das parcerias com famílias e atores do território e da articulação com o currículo e o projeto político-pedagógico (PPP), o direito de aprender com a - e na - natureza pressupõe *a formação de professores*. Que estes tenham a oportunidade de vivenciar processos formativos homólogos aos que desejamos que ocorram com seus estudantes. Que aprendam a empenhar habilidades de colaboração com seus pares, estabelecer parcerias e trabalhar com resolução de problemas como ferramentas indispensáveis ao planejamento e realização de arranjos educativos mais verdes, mais naturais e promotores de aprendizagem.

O material a seguir, *Histórias sobre aprender e ensinar com e na natureza: um percurso formativo para professores da*

educação básica, apresenta histórias do filme *O Começo da Vida 2 - Lá Fora* e aponta para reflexões e propostas formativas a partir do filme, com o objetivo de formar professores capazes de compreender os benefícios da aprendizagem ao ar livre no desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, de planejar e realizar práticas educativas na - e com a - natureza que sejam promotoras de *aprendizagens essenciais ao longo da educação básica*.

No capítulo 1, *Pátios, praças e jardins para as infâncias* começamos contando a história *Não está enxergando nada?*. A partir das vozes e observações sobre bebês e crianças, uma diretora inicia uma grande transformação em espaços e rotinas de educação infantil na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. A garantia dos direitos de aprendizagem, ancorados nos benefícios das experiências ao ar livre na escola de educação infantil, conduz formadores a tematizar a observação de professores sobre as experiências de bebês ou crianças em ambientes ao ar livre, e a planejar e realizar intervenções ou novos arranjos para o uso de espaços abertos nas escolas.

No capítulo 2, *Cidades, bairros e territórios educativos*, apresentamos os irmãos Ana Beatriz e Saymon. Eles são os protagonistas das histórias *Gosto de ser livre* e *Mudou muito minha*

visão. Nelas, professores têm a oportunidade de refletir sobre a composição de PPPs que integrem, para além da escola, iniciativas, espaços, pessoas e saberes presentes no entorno da escola, em uma perspectiva conhecida como territórios educativos. Estas histórias nos levam a olhar além dos muros da escola e reconhecer a expansão de territórios relacionada ao crescimento da criança e à ampliação das possibilidades de aprendizagem nos lugares onde vivem e estudam. Com esta pauta formativa, professores de educação infantil, ensino fundamental I e II se deparam com o desafio de elaborar uma pauta de reconhecimento e observação dos potenciais de territórios e espaços ao ar livre, dentro e fora de suas escolas. E, a partir deste diagnóstico, planejar intervenções ou novos arranjos para o uso de ambientes ao ar livre em processos de aprendizagem e desenvolvimento, apoiados por parcerias com atores do território e espaços externos à escola.

No capítulo 3, o enredo da história é a curiosidade sobre a origem da vida e dos alimentos em *Tempos e ciclos do que é vivo*. Nesta parte dedicada a *Terra, alimentos e origens da vida*, hortas e cultivo da terra, dentro e fora das escolas, entram em cena como oportunidades para as crianças criarem relações profundas e significativas com as origens da vida, seus ciclos e frutos da terra. Professores serão convidados a planejar, a partir da horta escolar, modalidades organizativas

permanentes, em sequência ou projetos didáticos e experiências com a origem das coisas.

Por último, no capítulo 4, *Parques, áreas preservadas e natureza selvagem* professores que atuam nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio vão conhecer a história de adolescentes que foram acampar com sua escola em uma reserva natural. Em *Se você nunca veio num lugar desse, você não conhece o mundo*, a educação com a - e na - natureza é o convite para a reflexão sobre a autonomia. A autonomia aqui é coroada como um desejo de ponto de chegada, uma das finalidades educativas da educação básica nesses segmentos. A experiência do acampamento é tematizada e propõe aos professores a pesquisa de oportunidades de contato com uma natureza mais selvagem, articuladas ao currículo e ao PPP.

Ao longo de todo o material, *Histórias sobre aprender e ensinar com e na natureza: um percurso formativo para professores da educação básica*, formadores de professores - coordenadores pedagógicos, supervisores de ensino ou, ainda, equipes técnico-pedagógicas de redes e secretarias de educação - terão neste material um conjunto de recortes temáticos, práticas formativas, materiais complementares e peças audiovisuais para potencializar a formação de suas equipes em todos os níveis de ensino. Este material oferece uma oportu-

tunidade de refletir sobre como a natureza pode acompanhar todo o percurso escolar dos estudantes e compor um projeto educativo conectado com a vida que pulsa do lado de fora. Sabemos que as realidades são diversas e muitas vezes desiguais, portanto incentivamos que este material seja adaptado a cada contexto, reinventado, e sirva de inspiração para outros percursos formativos.

Acreditamos que algumas concepções pedagógicas já produzidas no Brasil e em outros países podem favorecer o desemparedamento da infância, e entre elas destacamos conceitos que se interrelacionam: territórios educativos, educação integral e educar com a - e na - natureza, ou seja, a natureza como tema e como ambiência para o estudo.

Os percursos formativos sugeridos neste material buscam contribuir com o aproveitamento das histórias que o filme traz, provocando reflexões junto à equipe docente; estabelecendo relações com as competências e direitos de aprendizagem e desenvolvimento previstos na Base Nacional Comum Curricular; e, por fim, incentivando caminhos que levem a mudanças que façam sentido no contexto de cada escola, para fortalecermos juntos um começo da vida lá fora que aposte numa infância mais saudável e rica em natureza.

UMA NOTA SOBRE A PANDEMIA

Dependendo do momento que você esteja lendo esta pauta formativa, é possível que em todo o processo sugerido tenham que ser levados em consideração os cuidados e protocolos sanitários frente à pandemia de covid-19. Entendemos que a aprendizagem ao ar livre pode ser considerada como uma medida sanitária que diminui o risco de transmissão do vírus, uma vez que em espaços abertos a chance de contágio diminui consideravelmente. Acreditamos que as experiências ao ar livre, mais do que nunca, são importantes por promover a saúde e o bem-estar, tanto das crianças e adolescentes quanto dos educadores. Educar e cuidar devem andar juntos e a natureza pode significar um importante espaço de acolhimento. O programa Criança e Natureza compilou neste [documento](#) algumas sugestões para planejar a reabertura das escolas quando houver condições sanitárias seguras, tendo a aprendizagem ao livre como estratégia fundamental.

UMA NOTA SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS

O compromisso com o direito à educação quanto ao acesso, aprendizagem e permanência na escola conta com um projeto educativo inclusivo. Por educação inclusiva compreende-se aquela em que as singularidades de cada estudante são afirmadas e valorizadas. Ao mesmo tempo, a cultura escolar, incluindo o currículo, a infraestrutura e seus espaços, os tempos, os materiais e recursos e as interações devem ser foco de atenção ao eliminar barreiras que possam impedir o acesso, a participação e a aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/ superdotação. A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que no Brasil tem status de emenda constitucional, salienta a compreensão em torno da deficiência como um conjunto ou impedimento de natureza física, mental, intelectual e sensorial. E não um déficit, invalidez ou doença. A deficiência ocorre

na interação entre pessoas com deficiência e as barreiras relativas às atitudes e ao ambiente.

Nesta perspectiva, a gestão da sala de aula e instrumentos como o planejamento criam oportunidades para que todos os estudantes usufruam das propostas educativas. Trata-se de planejamentos que oferecem materiais, ambientes, atividades e serviços concebidos, na maior medida possível, para toda a diversidade humana, sem necessidade de adaptação ou projeto para isto. Tal compreensão não exclui apoio específico para pessoas com deficiência, quando necessário. Encoraje os professores a explorarem as múltiplas linguagens, recursos e tecnologias assistivas na construção do planejamento, levando em conta o que os estudantes já sabem e fazem e quais apoios precisam ser oferecidos. Importante destacar a fundamental colaboração de profissionais do Atendimento Educacional Especializado e das próprias famílias de estudantes com deficiência, na busca de soluções que assegurem sua plena inclusão escolar. Esta escuta e diálogo podem aprimorar ainda mais os planejamentos.



UMA NOTA SOBRE GÊNERO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Embora seja reconhecido que uma grande parte do corpo docente das escolas seja composto por mulheres, sabemos também que os homens fazem parte das equipes e comunidades escolares. Assim, apenas para facilitar a leitura e fluência narrativa do texto, adotamos a utilização do gênero masculino para designar educadoras e educadores, seguindo as convenções que ainda orientam o uso da língua portuguesa.



CAPÍTULO 1

PÁTIOS, PRAÇAS E JARDINS PARA AS INFÂNCIAS



Esta é Regina Gomes. Ela é diretora de educação infantil da rede municipal de Novo Hamburgo e fez uma importante observação em relação às crianças que frequentavam as escolas:



As quatro paredes sufocam a criança. Com o choro, ele diz que aquele lugar não está mais agradável. Ao buscar sair, fugir desse espaço repetidamente, está dizendo para a gente que ele não está mais atendendo ao que precisa. Procurar a janela, ficar olhando para fora. Eram vários sinais, uma outra maneira de falar das crianças que até então não conseguíamos ver.



NÃO ESTÁ ENXERGANDO NADA?

“- Vê se tem algum bichinho lá em cima.

- Não está enxergando nada?

- A borboleta não está lá?”

Estas crianças são de um grupo da educação infantil da rede municipal de educação de Novo Hamburgo (RS). Assim como muitas outras crianças no Brasil, elas passam muito tempo na escola. Mas você já se perguntou onde?



- E tem árvore?
- Tem árvore.
- Quem vai escorregar pelo morro hoje?
- Eu!

- Eu adoro botar a bota.

- Estamos indo!
- Vamos lá!



A solução encontrada pela rede municipal de educação de Novo Hamburgo foi incluir saídas diárias para espaços externos com as crianças, dentro e fora da escola. Os benefícios percebidos confirmaram que estavam no caminho certo! Para tanto, foi muito importante que os encontros formativos entre educadores nesse processo acontecessem em áreas externas também, para que sentissem com o próprio corpo a experiência de estar do lado de fora, em áreas mais naturais. Primeiro, relatam que os professores ficavam preocupados, levavam repelente para os insetos mas, no final, o bem-estar sentido era tamanho que até se esqueciam de usá-lo.



Nossa experiência aqui de pensar nos pátios, pensar os espaços externos da escola, é uma experiência de uma rede pública. Estar em contato com a natureza, vir diariamente para os espaços externos, brincar ao ar livre e com um tempo considerável, todos os dias, é a nossa escolha para a educação infantil aqui na rede.



Regina Gomes
Gerente de educação infantil

A fala de Regina Gomes revela que a aprendizagem ao ar livre requer intencionalidade. Não é apenas uma estratégia de ensino, mas um direito que precisa ser planejado em diferentes instâncias de uma rede ou de uma escola: infraestrutura, currículo, formação de professores, gestão escolar e relação com famílias e territórios. E como toda transformação na cultura escolar, é preciso muita escuta e observação das crianças.

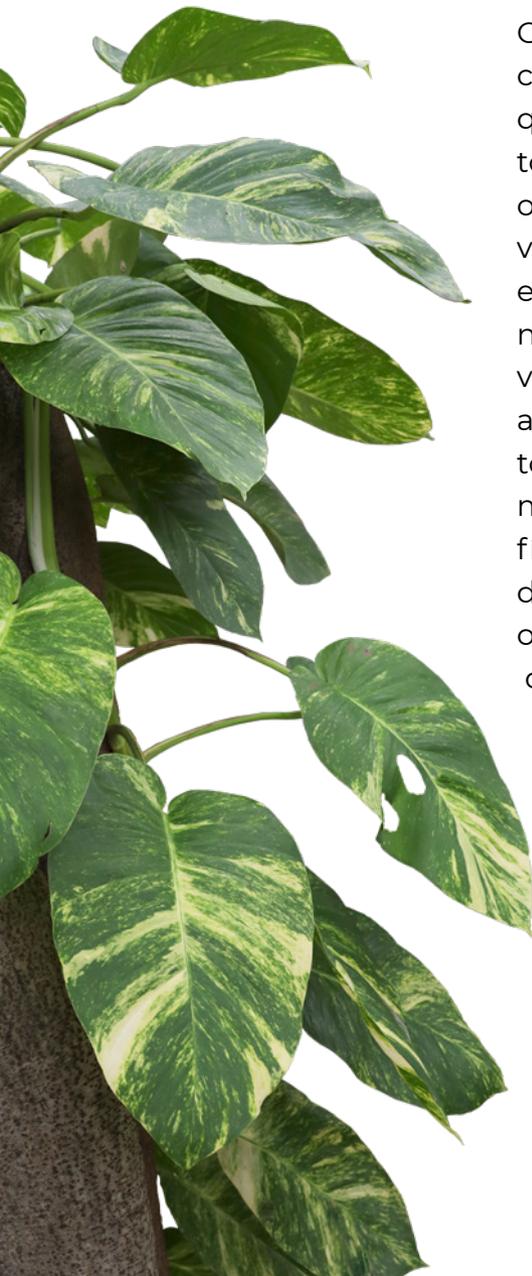
Os espaços físicos da escola ou de sua comunidade do entorno desempenham um papel chave em uma proposta educativa integral. Eles deixam de ser compreendidos como meros cenários para atuarem como educadores. Este é outro desafio aos professores, pois requer que alguns mitos sejam problematizados.



Eu sempre penso que uma sala de aula, por mais rica que ela seja, não vai oferecer o que o lado de fora, o pátio da escola, oferece. Lógico, um pátio rico também, porque se for uma quadra de asfalto, isso é muito pobre. Mas quando estamos do lado de fora, a vida está acontecendo. Quando uma criança está numa brincadeira do lado de fora, tudo nela está acionado. Ali tem o equilíbrio, tem a força, tem a coragem, tudo está presente quando a gente está numa atividade externa.

Rita Jaqueline de Moraes
Professora de educação infantil





O desenvolvimento de bebês e crianças depende das interações que se estabelecem com os adultos em mediação com os espaços, os materiais e os tempos. A ativação das suas dimensões física, emocional, social e cognitiva ganha potência em espaços ao ar livre. Como relata Tim Gill, “estar ao ar livre é parte de um bom hábito para as crianças. As evidências mostram que o nível de atividade física aumenta. Nos espaços verdes, sua capacidade de perceber o espaço e obter equilíbrio e coordenação melhora. A saúde mental das crianças também melhora. A natureza tem um efeito calmante.”

A professora Alessandra Mendes percebeu o quanto as crianças ampliaram seu repertório por meio das experiências de seus corpos:

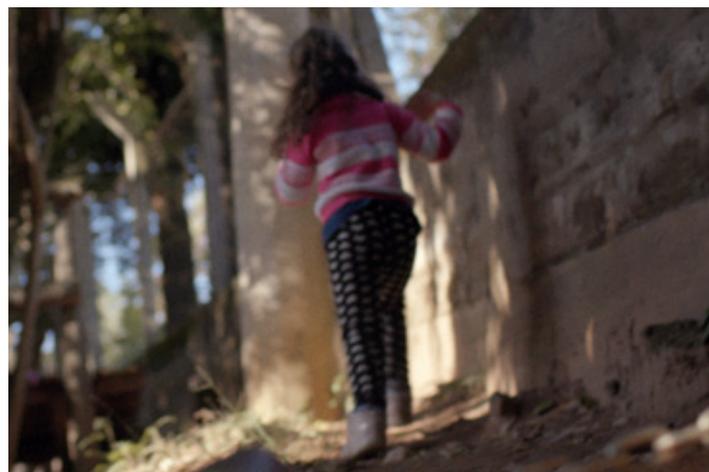


Quando o Thiago veio para a escola, ele ia para a pracinha e não se mexia, só chorava. Chorava, chorava. Ele começava a ficar todo lambuzado e as moscas vinham. Eu dizia: ‘Thiago, tira a mosca do rosto!’ Ele chorava e nem se mexia. E, hoje, o Thiago anda por tudo.



Somos também nosso corpo, nós percebemos e reagimos ao mundo através do corpo. Como disse James Gibson, sempre que nós vivenciamos o mundo, estamos, ao mesmo tempo, vivenciando nós mesmos. Estamos experimentando o que somos capazes de fazer e estamos ampliando nossa capacidade de percepção e ação. E ser uma pessoa confinada numa caixa é um grande risco.

Louise Chawla,
professora emérita
de design ambiental
University of
Colorado Boulder





Os desafios de se fazer uma escola de educação infantil que efetive a educação integral e o direito da criança de crescer e aprender também ao ar livre são ainda maiores.

Também foi preciso um cuidado com as famílias e cuidadores das crianças, para que eles entendessem que o risco é parte do processo de aprendizagem e que é bem normal que a criança se machuque um pouco ou volte para casa com as roupas mais sujas, por exemplo.



Já recebemos uma menina cujos pais faziam salgados em casa. Ela não tinha onde ficar, ficava na sala brincando no tapete. Quando ela aprendeu a correr e se sentiu segura, ela começou a cair. Ela se estabnava e caía. A mãe dela disse: 'Por que ela rala tanto o joelho? Ela rala o joelho todo dia.' Eu disse: 'Ela está aprendendo a correr, agora vai aprender a cair'



Alessandra Mendes
Professora de educação infantil



Se você observar uma criança, mesmo que pequena, por 15 segundos, vai perceber que ela anseia por experiências. Ela parte do que é conhecido e previsível, ou seja, monótono, para o que é mais empolgante, diferente e novo, ou seja, mais arriscado. De certa forma, podemos dizer que o risco está no cerne do aprendizado infantil, de maneira geral.

Tim Gill
Pesquisador e fundador do Child in the City

Caro(a) formador(a) de professores(as)

A história que você acaba de conhecer narra uma parte do processo de transformação da rede municipal de educação infantil de Novo Hamburgo, no sentido de garantir que as crianças tenham seus direitos de aprendizagem ancorados nos benefícios da aprendizagem ao ar livre na escola de educação infantil.

Parte das mudanças ocorridas na rede se deram em diversos e associados âmbitos: na secretaria, no currículo do município, na formação de professores, na infraestrutura das escolas, na gestão escolar e na relação com as famílias.

Um âmbito essencial para essa transformação é a gestão da sala de aula feita por professores. A pauta formativa a seguir convida professores a pesquisar suas experiências em ambientes ao ar livre, a partir da escuta e da observação das crianças, e a criar novos e possíveis arranjos para suas realidades, onde o 'já para fora' seja tão importante quanto o 'já para dentro'.

Acompanhe o percurso formativo e faça os ajustes que julgar necessários para a realidade de sua rede ou escola, ou ainda para as demandas formativas dos docentes.

Paula Mendonça e Raquel Franzim

PERCURSO FORMATIVO

1. OBJETIVO FORMATIVO

Compreender os benefícios da aprendizagem ao ar livre no desenvolvimento integral das crianças na primeira infância

Reconhecer as oportunidades para aprendizagem ao ar livre em diferentes campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Elaborar uma pauta de observação sobre as experiências de bebês ou crianças em ambientes ao ar livre

Planejar e realizar intervenções ou novos arranjos para o uso de ambientes ao ar livre em sua escola

2. RESULTADOS ESPERADOS

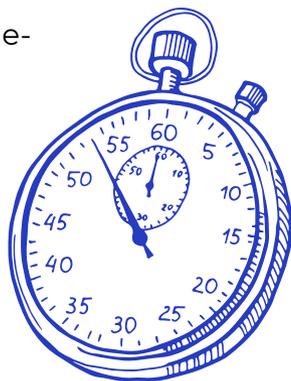
- Que os professores observem e documentem ativamente as experiências de bebês e crianças em ambientes ao ar livre, em duas frentes:
 - » objetivos de aprendizagem e campos de experiência associados à BNCC
 - » as hipóteses, pesquisas, percepções, expressões e iniciativas de bebês e crianças
- Que os professores viabilizem de maneira intencional e regular, em seus planejamentos, o uso dos ambientes ao ar livre dentro ou fora da escola.

3. A QUEM SE DESTINA

Professores de creches e pré-escolas.

4. TEMPO ESTIMADO

Oito horas, sendo sua organização a depender da realidade da rede/escola. Sugere-se que este tempo seja organizado em dois blocos de quatro horas ou quatro blocos de duas horas. Privilegie a organização do tempo da formação em função do desenvolvimento por etapas (ver mais em "Desenvolvimento").



5. SUGESTÕES DE MATERIAIS

Computador ou outro equipamento com áudio para exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora*, projetor, cópia da pauta formativa, papel, cartolinas ou outros suportes para registros, como canetas, lápis de cor, giz de cera, carvão, giz pastel e canetinhas.



6. ESPAÇO E AMBIÊNCIA SUGERIDOS

Reserve um espaço com pouca claridade e com pouco ruído externo para que a experiência de assistir à produção audiovisual seja prazerosa. Os demais momentos podem ocorrer em ambientes como salas e auditórios amplos para rodas de conversa, trabalhos em pares e projeções de materiais visuais. Para a conversa fluir, você pode pensar em espaços com almofadas ou ao ar livre. Considere um lugar onde todas as pessoas possam se enxergar e escutar entre si. Círculos ou semicírculos são ideais, mas sua viabilidade depende da quantidade de participantes. Se necessário, organize práticas em subgrupos para que a etapa seja mais bem aproveitada por todos e para potencializar a troca e cooperação entre participantes.



7. DESENVOLVIMENTO

ETAPA 1

a. Exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* (90 minutos)

Antes de iniciar, apresente o Plano de Formação de Educadores ao seu grupo. Conte como cada etapa está organizada, qual a duração, os materiais e os resultados esperados. Organize a exibição do filme para o grupo. Você pode, antes ou depois da exibição, compartilhar informações básicas sobre o filme (veja a página completa no Videocamp/hotsite). Vale também levantar as expectativas dos educadores para o momento ou ainda convidá-los a pensar sobre o título do filme.



b. Roda de conversa (30 minutos)

Dependendo da quantidade de educadores, você pode organizar uma única roda ou pequenos grupos. A ideia aqui é que os participantes sintam-se à vontade para compartilhar percepções, sentimentos e reflexões provocados após a apreciação do filme. Você pode retomar as expectativas levantadas ou retomar a reflexão causada no grupo pelo título do filme. Esteja atento e aberto a esse momento de escuta. Anote as colocações dos educadores. Intervenha não apenas na gestão do tempo, mas também na alternância de vozes. Peça que todos cuidem com você deste momento.

ETAPA 2

a. Leitura da história (20 minutos)

Projete a história para que o grupo realize a leitura compartilhada. Ela também pode ser lida por meio de cópias impressas. Independente do suporte, deixe o momento da leitura ser compartilhado entre os educadores. Não tenha pressa: leia com as pausas, entonação e intenção que ela merece. Não passe rápido as imagens. Ajude seu grupo a pousar os olhos sobre elas, que tanto nos contam também. Neste momento, é necessário ter em mente o objetivo formativo do encontro e sempre dividi-lo com os docentes.

b. Leitura analítica (40 minutos)

Em pares, convide os professores a identificar os seguintes aspectos da história e a tomar nota em um suporte gráfico coletivo, onde todos os demais participantes também anotem.

O problema:
desafios para
crianças, adultos
e educadores,
entre outros

As soluções:
estratégias,
colaborações e
inovações

Os benefícios:
desenvolvimento e
aprendizagem para
as crianças, para
adultos educadores e
para a escola/rede

Após 20 minutos, reúna o grupo para observar as anotações em comum, a diversidade de observações ou questões pouco percebidas e, ainda, instigue-o a levantar perguntas que a história não responde. Tome nota.

c. Criação de um roteiro observação para a sala de aula (30 minutos)

Organize o grupo para a criação de um roteiro de escuta e observação das experiências das crianças em ambientes ao ar livre, inspirado pela história apresentada e analisada. Cada professor realizará o roteiro em sua escola/sala de aula, contudo, sua elaboração deve priorizar a colaboração.

c.1. No coletivo - faça uma rodada de critérios comuns de observação:

Foco: relatos sobre sequências de ações, gestos, movimentos ou iniciativas de bebês e crianças em espaços ao ar livre e na relação com eles; sequências de ações sobre os usos e ocupações dos espaços pelos bebês e crianças

Ferramentas de registro: podem ser utilizados câmera - para fotos e vídeos - narrativa escrita etc.



c.2. No subgrupo - peça que seja estruturado o roteiro a partir de aspectos como: Quais espaços? Quais tempos? Quais crianças ou qual criança? Por quanto tempo? Acompanhe as discussões e intervenha ponderando aspectos como faixa etária, observação sobre momentos de livre iniciativa do bebê ou criança ou, ainda, momentos dirigidos pelos professores.

Obs.: o roteiro não esgota as descobertas e novos critérios que podem surgir da própria observação. Não deixe de abrir esta conversa com os professores.

ETAPA 3

A realização desta etapa pressupõe um intervalo de tempo entre as etapas 2 e 3.

a. Mostra de observações das crianças e suas experiências ao ar livre (duração de 1 hora, a depender da quantidade de trabalhos para a mostra)

Uma das metodologias apropriadas para a mostra é a de uma feira: o espaço pode estar organizado com bancas onde, enquanto um público circula, o outro se apresenta. Pode-se dividir em dois momentos: num primeiro, alguns participantes apresentam seus registros em suas 'bancas' e, posteriormente, se alterna para os demais. Importante garantir recursos eletrônicos como notebooks ou projetores em quantidade suficiente para que, simultaneamente, se conheça os diversos trabalhos. Tudo, claro, a depender da quantidade de participantes.

b. Com o apoio de um projetor, apresente o Quadro 1. Neste momento, você convidará os professores a articular as observações de seus trabalhos com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC. Não é necessário esgotar todo o quadro, mas provocar uma atitude investigativa dos docentes. (duração de 1 hora)

- b.1. Leitura do Quadro 1
- b.2. Anotação das primeiras associações das observações com a BNCC
- b.3. Outras associações - disponibilize exemplares da BNCC para consulta em meio impresso e digital, para que novas descobertas sejam feitas
- b.4. Sistematize no flip chat o conjunto das associações feitas



QUADRO 1

A educação infantil na BNCC e a aprendizagem em contato com a natureza e ao ar livre.

A BNCC estabelece parâmetros e diretrizes a serem adotados pelas instituições escolares que ampliam e potencializam as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças. A BNCC é um instrumento legal que, assim como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e outros instrumentos jurídicos, ressalta que a educação infantil tem finalidade própria, não reprobatória, e que não é única e exclusivamente preparatória para a etapa do ensino fundamental. A peculiaridade da educação infantil é enfatizada na BNCC no que se refere a suas bases de organização: as interações e as brincadeiras.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da educação básica propostas pela BNCC, seis **direitos de aprendizagem e desenvolvimento** asseguram, na educação infantil, “as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem

a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural”. Os direitos são: **conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.**

Nós, do Instituto Alana, acreditamos que em todos os campos de experiência estipulados na BNCC há grandes possibilidades de se integrar ensino e prática pedagógica em constante contato com o mundo natural. E que, este, é um potencializador das experiências de aprendizado, trazendo inúmeros benefícios para as crianças.



A seguir, alguns exemplos de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que podem incluir a natureza como espaço educativo:

CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO		
Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01CG01) Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos.	(EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras.	(EI03CG01) Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música.
(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes.	(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01CG03) Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais.	(EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.	(EI03CG05) Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades
(EI01CG04) Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar.	(EI02CG04) Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.	
	(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.	

ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
(EI01ET01) Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).	(EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).	(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades.
(EI01ET02) Explorar relações de causa e efeito (transbordar, tingir, misturar, mover e remover etc.) na interação com o mundo físico.	(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).	(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.
(EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.	(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.	(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<p>(EI01ET04) Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.</p>	<p>(EI02ET04) Identificar relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois).</p>	<p>(EI03ET04) Registrar observações, manipulações e medidas, usando múltiplas linguagens (desenho, registro por números ou escrita espontânea), em diferentes suportes.</p>
<p>(EI01ET05) Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.</p>	<p>(EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).</p>	<p>(EI03ET05) Classificar objetos e figuras de acordo com suas semelhanças e diferenças.</p>
<p>(EI01ET06) Vivenciar diferentes ritmos, velocidades e fluxos nas interações e brincadeiras (em danças, balanços, escorregadores etc.).</p>	<p>(EI02ET06) Utilizar conceitos básicos de tempo (agora, antes, durante, depois, ontem, hoje, amanhã, lento, rápido, depressa, devagar).</p>	<p>(EI03ET07) Relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência.</p>

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
	(EI02ET07) Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.	
	(EI02ET08) Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).	

ETAPA 4

a. Retome o percurso até este momento - da apreciação do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* até a mostra de observações e articulação com a BNCC. Divida novamente os objetivos da pauta e escute os professores sobre como percebem este movimento formativo em curso. (20 minutos)

b. Proponha o planejamento de uma intervenção ou arranjos no ambiente externo para a utilização de espaços ao ar livre na escola de educação infantil. (1 hora)

- b.1. Ponto de partida - observação das crianças. O que as observações geram em novas ações para potencializar as aprendizagens ao ar livre?
- b.2. Definição da intervenção - no planejamento? Novos arranjos no ambiente? Intervenção no espaço físico da escola?
- b.3. Parcerias necessárias - outros professores? Coordenação/direção da escola? Famílias? Parceiros do território? Secretaria/rede? Outros?

b.4. Cronograma e etapas.

b.5. Execução - como as crianças podem ser envolvidas e atuantes neste plano?

b.6. Documentação e celebração.

Obs.: ajude os professores a eleger pontos de partida, com base na observação das crianças, que sejam possíveis e viáveis dentro da gerência de sala de aula ou da realidade escolar. É claro que planos audaciosos de mudanças que envolvem infraestrutura escolar são necessários nas redes públicas e privadas. Contudo, a competência de resolução foge ao controle dos professores. Portanto, sempre é válido lembrar que o foco da pauta é a gestão da sala de aula e suas possibilidades.



c. Socialização dos planejamentos (30 minutos)

Em roda, peça que os participantes apresentem suas propostas de intervenção. Considere como indicadores de análise:

- c.1. O bebê e/ou a criança como centro da proposta
- c.2. Os benefícios da aprendizagem ao ar livre
- c.3. A articulação com a BNCC
- c.4. A natureza do dia a dia, o simples, os pequenos arranjos possíveis do cotidiano e da gestão da sala de aula
- c.5. Parcerias e colaboração na gestão da sala de aula - outros agrupamentos, profissionais da escola, coordenação, direção, famílias, parceiros de território

d. Como encerramento, declame ou convide um dos educadores para a declamação do poema de Pedro Bandeira *Vai já pra dentro, menino!* Quadro 2 (10 minutos)



QUADRO 2

Vai já pra dentro, menino - Pedro Bandeira

Vai já pra dentro menino!
Vai já pra dentro estudar!
É sempre essa lengalenga
Quando o que eu quero é brincar...

Eu sei que aprendo nos livros,
Eu sei que aprendo no estudo,
Mas o mundo é variado
E eu preciso saber tudo!

Há tempo pra conhecer,
Há tempo pra explorar!
Basta os olhos abrir,
E com o ouvido escutar.

Aprende-se o tempo todo,
Dentro, fora, pelo avesso,
Começando pelo fim
Terminando no começo!

Se eu me fecho lá em casa,
Numa tarde de calor,
Como eu vou ver uma abelha
A catar pólen na flor?

Como eu vou saber da chuva
Se eu nunca me molhar?
Como eu vou sentir o sol,
e eu nunca me queimar?

Como eu vou saber da terra,
Se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
Sem aprender a gostar?

Quero ver com os meus olhos,
Quero a vida até o fundo,
Quero ter barros nos pés,
Eu quero aprender o mundo!



In: ROCHA, R. (ed.) ROCHA, M. (org.). Poemas que escolhi para as crianças. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2013.

8. AVALIAÇÃO DA PAUTA (30 MINUTOS)

Chame os **educadores** para avaliar com você todo o percurso do encontro. Proponha perguntas disparadoras, como:

Como vocês avaliam este momento?

O que passamos a enxergar nas crianças e na escola que antes estava oculto?



Quais iniciativas sobre a aprendizagem ao ar livre se mostraram viáveis e quais ainda demandam maior aprofundamento?

Para sua autoavaliação como **formador**:

O que poderia ter sido diferente nesta pauta?

Quais percepções, considerações, falas ou gestos dos educadores chamaram a sua atenção?

O que isso revela sobre o trabalho da formação?

Quais demandas ou desafios se apresentam para a continuidade da formação deste grupo docente?

9. PRÓXIMOS PASSOS (continuidade do processo formativo)

Esta pauta formativa se encerra em um momento de planejamento, de novas intervenções na gestão da sala de aula, a partir da observação de bebês e crianças. É importante que a formação acompanhe o progresso e a execução dos planejamentos apoiando com os novos aportes teóricos ou metodológicos que surgirem. A rede também deve valorizar os planos realizados, reunindo-os em uma coletânea digital de boas práticas ou, ainda, por meio da organização de mostras como a sugerida nesta pauta. As práticas dos professores são bons conteúdos formativos e podem mobilizar outros docentes a transformarem suas ações em benefício das aprendizagens e do desenvolvimento em espaços abertos e naturais.



10. INSPIRAÇÕES OU MATERIAIS COMPLEMENTARES

Pilulas do programa Criança e Natureza:

Minidoc: *O Começo da Vida 2: Lá Fora* - Educação

[Quando o risco vale a pena](#)

[Verdejando o aprender](#)

[A natureza como lugar de acolhimento](#)

Livro:

[Desemparedamento da Infância](#)

AS VANTAGENS DE UM PÁTIO ESCOLAR NATURALIZADO

por Ursula Trancoso

As vantagens de optar por um pátio escolar naturalizado são muitas. Além da justificativa pedagógica e de desenvolvimento infantil, sabemos também que áreas livres e verdes podem ajudar na prevenção de diversos problemas de saúde dos pequenos, como a obesidade e os transtornos de atenção e miopia. Além disso, um projeto de edifício escolar que leve em conta os elementos da natureza e o clima onde está inserido garante um edifício com maior eficiência energética e mais econômico.

Uma lista de vantagens que justificam a escolhas de pátios escolares naturalizados:

- **DESENVOLVIMENTO INFANTIL** – As crianças, desde pequenas, apreendem o mundo por meio de suas experiências diárias. Elas precisam de espaço livre para se exercitar e se desenvolver. Os ambientes devem ser saudáveis, naturais e seguros. Mas também devem conter desafios para que elas possam progredir e testar novos aprendizados.
- **RECURSO PEDAGÓGICO** – As áreas externas oferecem experiências ricas que podem ser usadas como recursos pedagógicos importantes. Ter e cuidar de uma horta, por exemplo, ensina os pequenos processos biológicos, a influência do sol e da água no crescimento das plantas, ciclo de vida e cuidado com o meio ambiente.
- **SAÚDE NA INFÂNCIA** – No Brasil, assim como em diversos países, a obesidade infantil vem aumentando devido a uma infância repleta de alimentos pouco saudáveis, e cada vez menos espaço para as crianças se exercitarem e brincarem livremente. Uma pesquisa com o nome de *Libertem as Crianças*, conduzida por uma marca de sabão em pó, entrevistou pais de crianças em mais de dez países e concluiu que elas passam, em média, menos de uma hora ao ar livre por dia. Ou seja, menos tempo que adultos em sistemas prisionais.
- **ECONOMIA** – Pátios naturalizados tendem a ser mais econômicos por diversos motivos. Quando trabalhamos com materiais naturais existentes no local, temos rápido acesso e fácil manutenção. Evitamos os transportes custosos de insumos industrializados e a maior dificuldade com a ma-

nutrição destes equipamentos. Além disso, projetar edifícios considerando o meio ambiente resulta numa maior eficiência energética. Pátios verdes ajudam a esfriar ambientes internos e, quando usamos pisos naturais e permeáveis nas áreas externas, podemos controlar melhor a temperatura externa e interna, evitando uso de ar-condicionado. Solos permeáveis também resultam num melhor controle de chuvas e drenagem, evitando custos com alagamentos. Amplas conexões entre ambientes internos-externos trazem mais luz natural para as salas, diminuindo o consumo de luz artificial.

- SUSTENTABILIDADE – Para as crianças, a compreensão de si como parte do ambiente natural, e também de ser alguém que age sobre ele, ajuda na formação da consciência ambiental. Quando elas convivem e aprendem num espaço que foi pensado de forma a incluir os elementos naturais – o verde, o sol, a chuva, as plantas e animais –, elas se entendem como parte deste processo. Estamos passando por um momento de extrema importância histórica no cuidado com o meio ambiente. Sabemos que os recursos são finitos e precisamos conviver de maneira menos predatória. Só poderemos evoluir se, desde pequenos, dermos importância para as questões ambientais e de sustentabilidade.





CAPÍTULO 2

CIDADES, BAIRROS E TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

GOSTO DE SER LIVRE



Os meus pais e os pais das crianças em geral se preocupam muito por causa da falta de segurança. Aonde quer que você vá, tem algum assalto, alguma coisa assim.

Bia



Estes são Ana Beatriz, estudante da escola Escola Estadual Benedito Célio de Siqueira, e Saymon, que estuda na Escola Estadual Loteamento das Gaivotas III. Eles são irmãos e vivem no bairro Jardim Gaivotas, no distrito do Grajaú, zona sul da cidade de São Paulo, e participam do projeto Navegando nas Artes. Ambos sofrem com a impossibilidade de sair para brincar. Violência, sensação de insegurança e ausência de planejamento urbano que priorize os espaços públicos de lazer e de descanso para crianças provocam inúmeras consequências. Cada vez mais, as famílias se sentem as únicas responsáveis pela segurança e participação das crianças e adolescentes no mundo ao lado de fora. Este é apenas um dos fatores que têm levado ao aumento do confinamento da infância. Quais oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem só podem ser encontradas lá fora? Como a responsabilidade compartilhada entre famílias, sociedade e Estado pode potencializar ainda mais o crescer, o aprender e o brincar das crianças e adolescentes com - e nos - seus territórios?



*Meu pai não me deixa sair, não.
Quando eu peço para sair, ou
ele fala: 'fala com a sua mãe',
ou ele já nem fala, só faz assim.
[gesto de não com a cabeça]*

*Mas eu gosto de brincar muito,
né? Gosto de ser livre. Ficar
preso dentro de casa sem fazer
nada? Aí não dá, né?*

Saymon







Esse é Franz Thomas, ele é instrutor de vela na organização da sociedade civil Navegando nas Artes, uma iniciativa que promove vivências náuticas com barcos à vela. Cresceu no bairro Gaivotas, no distrito do Grajaú, zona sul da cidade de São Paulo e lembra a falta que sentia de espaços de lazer, de movimentar o corpo e de brincar no bairro.



Antigamente, no nosso bairro a gente tinha... Nós temos ainda poucos espaços de lazer. Então, a gente sempre tentou, essa coisa de menino, achar os espaços de lazer onde deveriam ser, onde a gente gostaria que fossem. Nossa rua, nosso campo... Navegar em São Paulo já é uma coisa diferente, navegar na periferia de São Paulo é extraordinário.



Franz Thomas
Coordenador Pedagógico
Navegando nas Artes

A represa Billings é um dos principais mananciais de água da cidade e fica nesta mesma região. A relação da comunidade com a represa é marcada pelo medo e a insegurança sanitária decorrente do aumento da poluição das águas. Isto explica, de certa forma, uma relação desconectada e distante da população com este espaço.

Uma saída para essa situação foi olhar ao redor e enxergar a potência dos espaços no próprio território. À medida que foram acontecendo as aulas de barco a vela, oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento na relação viva e mediada das crianças com a represa provocaram uma imensa transformação.





Estava claro para as gerações anteriores e principalmente para as pessoas que viviam perto da natureza que nós e a natureza somos interdependentes. O que acontece com as plantas, com os animais e com o meio ambiente também acontece conosco. E, com o tempo, perdemos essa percepção.

Sentimos que o que acontece com a natureza não necessariamente vai acontecer conosco. Se a água estiver contaminada, eu bebo minha água da garrafinha de plástico, e está tudo certo. O ar pode estar poluído, mas não dentro da minha casa, e sim fora da minha casa. E sabemos que isso não é verdade. Mas nós temos uma maneira de pensar que nos diz que não dependemos da natureza para ficar bem. E esse é o grande problema.



Joaquín Leguía
Fundador do ANIA

MUDOU MUITO MINHA VISÃO



O navegar para mim primeiro é um esporte. Então, a coisa da pessoa se relacionar já imediatamente com o corpo, de aprender algumas coisas, de superar algumas dificuldades. Aos poucos a gente vai construindo essa relação com o barco, com o navegar, com a ocupação da represa, com o olhar ao entorno.

Franz Thomas
Coordenador Pedagógico
Navegando nas Artes





Crianças cooperam nas ruas da comunidade para levar os barcos da sede da organização até a represa.



Escutam e recebem orientações e instruções acerca da prática.

Colocam em prática, com o corpo todo, o que aprendem. Ocupam os espaços com uma intencionalidade educativa.



Aprendem a cuidar do outro quando vivenciam experiências de escuta e de colaboração com os colegas.



Aprendem a cuidar de si, a empenhar iniciativa para lidar com alguns riscos e a buscar soluções para problemas.

Criam novos sentidos para aquele espaço em comum.



“
Antes eu via a represa como um lixo, uma coisa suja, nojenta, fedida, cheia de lixo.

Bia  



Sentem os benefícios de uma educação integral e das suas múltiplas potencialidades - social, emocional, intelectual e espiritual.



Quando eu estou no barco, me sinto bem mais solta, bem mais calma, a gente descarrega toda aquela negatividade. É como se você tivesse mudando de espírito. É como se você tivesse um momento só seu.

Bia 



Quando eu comecei a navegar, mudou muito minha visão. Eu não tinha nem coragem de pôr o pé na água, nem colocar a mão.

Saymon

Olhar para o entorno, como diz Franz Thomas, só é possível a partir de um intenso diálogo intersectorial no território. A escola, a associação comunitária, o centro cultural ou desportivo, equipamentos públicos, se houver, são atores fundamentais para pensar e colocar em ação um projeto de território educativo. Projeto baseado sobretudo nas forças que o próprio território já possui e não apenas em suas carências, seus problemas.



O desenvolvimento integral necessita do entorno, da comunidade, do bairro e de toda a cidade. Mas o que esses espaços ganham quando são ocupados por crianças e adolescentes? Perceber-se responsável pelo espaço que ocupa ou aprender a cuidar do ambiente do qual participa mobiliza sentimentos de pertencimento e afeto com a natureza. Ambientalistas relatam o quanto foram importantes as experiências junto à natureza durante sua infância na definição de seus valores e atitudes quando adultos. Por este e por todos os outros benefícios que a natureza traz à vida da criança é que se torna urgente defender a garantia do desenvolvimento pleno e da educação integral no - e com o - território.



O bairro para mim assim já está perfeito. Só queria que ele tivesse um pouco mais de árvores e que não fosse tão poluído. O que eu queria era só que essa represa fosse bem limpa mesmo, tão limpa que desse para beber água.

Saymon



NAVEGANDO NAS ARTES

Navegando nas Artes é uma iniciativa que promove vivências náuticas utilizando barcos à vela, com foco no estímulo à reflexão, sensibilização e mobilização das comunidades que vivem às margens da Represa Billings, na zona sul de São Paulo. Busca a valorização da água como bem natural finito e do meio ambiente, a mobilização e a ocupação dos espaços públicos sempre alinhadas com a linguagem artística do graffiti, que é forte na região, fomentando o diálogo e a conscientização sobre o ambiente. O projeto atende a estudantes de escolas do ensino fundamental da região do bairro Gaivotas.

Para saber mais sobre a atuação do Navegando nas Artes, acesse: <https://www.navegandonasartes.com.br/>

Caro(a) formador(a) de professores(as)

A história que você acaba de conhecer narra a iniciativa da comunidade do Grajaú, na cidade de São Paulo, para a ampliação das experiências vividas pelas crianças no bairro. Promover aulas de barco à vela na represa Billings, oferecida pelo projeto Navegando nas Artes, foi uma solução para vários problemas: falta de espaços de lazer no bairro, sensação de insegurança dos pais em deixar seus filhos brincarem do lado de fora e a diminuição do contato das crianças com a natureza.

O filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* nos convida a refletir sobre o papel de diversos setores em favorecer o contato da criança com a natureza para o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças. Gestores das cidades, profissionais da saúde, educação, cultura e esportes, além das famílias, têm papel fundamental na mudança de um cenário onde crianças passam grande parte de seu tempo em espaços fechados.

As crianças e adolescentes que frequentam o projeto Navegando nas Artes são estudantes das escolas da região. A realização desta atividade no contraturno das escolas é uma ampliação da experiência educativa para estes estudantes. É um exemplo de composição de parceria no território que favorece o contato direto da criança com a natureza através de experiências ao ar livre. Entendemos que a educação não se faz apenas na escola mas, sim, quando a escola, direito fundamental, é parte de um

ecossistema mais amplo de vínculo com o território. Afinal a criança aprende o tempo todo, em múltiplos lugares e em diversas situações.

A composição de projetos político-pedagógicos que integram, para além da escola, iniciativas, espaços, pessoas e saberes em um território é o que entendemos como a formação de territórios educativos. Essa construção supõe intenso diálogo e relação com outros espaços do território, com a integração entre as oportunidades educativas vindas de fora do espaço escolar e o currículo e oferta de atividades complementares no contraturno. Nessa perspectiva, não apenas são superadas as limitações dos espaços físicos dos prédios escolares como se incorpora uma qualidade social aos direitos de desenvolvimento e aprendizagem.

A pauta formativa a seguir convida professores a pesquisarem, em seus territórios, espaços e iniciativas que favoreçam experiências ao ar livre para crianças e adolescentes e que possam compor a formação dos estudantes por meio de parcerias.

Acompanhe o percurso formativo e faça os ajustes que julgar necessários para a realidade de sua rede ou escola ou, ainda, para as demandas formativas dos docentes.

Paula Mendonça e Raquel Franzim

PERCURSO FORMATIVO

1. OBJETIVO FORMATIVO

Compreender os benefícios da aprendizagem ao ar livre no desenvolvimento integral das crianças

Elaborar uma pauta de observação sobre os potenciais dos territórios e espaços ao ar livre dentro e fora da escola

Planejar intervenções ou novos arranjos para o uso de ambientes ao ar livre em processos de aprendizagem e desenvolvimento, a partir de parcerias com atores do território e espaços externos à escola

2. RESULTADOS ESPERADOS

- Que os professores observem e planejem as possibilidades de uso dos espaços abertos e territórios educativos, visando a aprendizagem ao ar livre, considerando:
 - » a identificação dos espaços abertos dentro e fora da escola com potencial educativo presentes no entorno
 - » o reconhecimento e a integração com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento ou com os objetivos de aprendizagem enunciados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)
- Que os professores viabilizem de maneira intencional e regular, em seus planejamentos, o uso dos ambientes ao ar livre dentro ou fora da escola.

3. A QUEM SE DESTINA

Professores de educação infantil e de ensino fundamental I e II.

4. TEMPO ESTIMADO

Oito horas, organizadas em função da realidade de cada rede/escola. Sugere-se que este tempo seja dividido em dois blocos de quatro horas ou quatro blocos de duas horas. Privilegie a organização do tempo de formação em função do desenvolvimento por etapas (ver mais em "Desenvolvimento").



NOTA 1

A depender da etapa da educação básica, ajustes e adaptações podem ser necessários para que, independentemente da faixa etária, bebês, crianças e adolescentes possam ter assegurados seus direitos de relação com a natureza.



NOTA 2

Esta pauta se destina ao processo formativo de docentes. Contudo, as parcerias com o território pressupõem um esforço entre diferentes profissionais da escola, como os de apoio, coordenação, direção e até mesmo as famílias. Portanto, o planejamento deve prever os papéis específicos dos docentes e as responsabilidades compartilhadas com outros membros da equipe escolar. Fomentar planejamentos construídos no diálogo com estes atores potencializa o desenvolvimento profissional docente a partir da construção de soluções pedagógicas em colaboração.

5. SUGESTÕES DE MATERIAIS

Computador ou outro equipamento com áudio para exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora*, projetor, cópia da pauta formativa, papel, cartolinas ou outros suportes para registros, como canetas, lápis de cor, giz de cera, carvão, giz pastel e canetinhas.

6. ESPAÇO E AMBIÊNCIA SUGERIDOS

Reserve um espaço com pouca claridade e com pouco ruído externo para que a experiência de assistir ao filme seja prazerosa. Os demais momentos podem ocorrer em ambientes como salas e auditórios amplos para rodas de conversa, trabalhos em pares e projeções de materiais audiovisuais. Para a conversa fluir, você pode pensar em espaços com almofadas ou ao ar livre. Considere um lugar onde todas as pessoas possam se enxergar e escutar entre si. Círculos ou semicírculos são ideais, mas sua viabilidade depende da quantidade de participantes. Se necessário, organize práticas em subgrupos para que a etapa seja bem aproveitada por todos e para potencializar a troca e a cooperação entre participantes.



7. DESENVOLVIMENTO

ETAPA 1

a. Exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* (90 minutos)

Antes de iniciar, apresente o Plano de Formação de Educadores ao seu grupo. Compartilhe os objetivos e resultados esperados. Conte como cada etapa está organizada, qual a duração, os materiais e os resultados esperados. Organize a exibição do filme para o grupo. Você pode, antes ou depois da exibição, compartilhar informações básicas sobre o filme (veja a página completa no [Videocamp/hotsite](https://videocamp.org/hotsite)). Vale também levantar as expectativas dos educadores para o momento ou, ainda, convidá-los a pensar sobre o título do filme.

ETAPA 2



a. Leitura da história (20 minutos)

Projete a história para que o grupo realize a leitura compartilhada. Ela também pode ser lida por meio de cópias impressas. Independente do suporte, deixe o momento da leitura ser compartilhado entre os educadores. Não tenha pressa: leia com as pausas, a entonação e a intenção que a história merece. Não passe rápido pelas imagens. Ajude seu grupo a pousar os olhos sobre elas, que tanto nos contam também. Neste momento é necessário ter em mente o objetivo formativo do encontro e sempre dividi-lo com os docentes.

b. Leitura analítica (40 minutos)

Em pares, convide os professores a identificarem os seguintes aspectos da história e a tomarem nota em um suporte gráfico coletivo, onde todos os demais participantes também anotem.

- O problema: desafios para crianças, educadores, comunidade escolar e bairro, entre outros.

b. Roda de conversa (30 minutos)

Dependendo da quantidade de educadores, você pode organizar uma única roda ou pequenos grupos. A ideia aqui é que os participantes sintam-se à vontade para compartilhar percepções, sentimentos e reflexões provocados após a apreciação do filme. Você pode retomar as expectativas levantadas ou a reflexão causada no grupo pelo título do filme. Esteja atento e aberto a esse momento de escuta. Anote as colocações dos educadores. Intervenha não apenas na gestão do tempo, mas também na alternância de vozes. Peça que todos cuidem com você deste momento.

- As soluções: estratégias, colaborações e inovações.
- Os benefícios: desenvolvimento e aprendizagem para as crianças, para os educadores e para a escola ou comunidade.

Após 20 minutos, reúna o grupo para observar as anotações em comum, a diversidade de observações ou questões pouco percebidas e, ainda, instigue-o a levantar perguntas que a história não responde. Tome nota.

c. Criação de um roteiro observação dos espaços e territórios educativos (30 minutos)

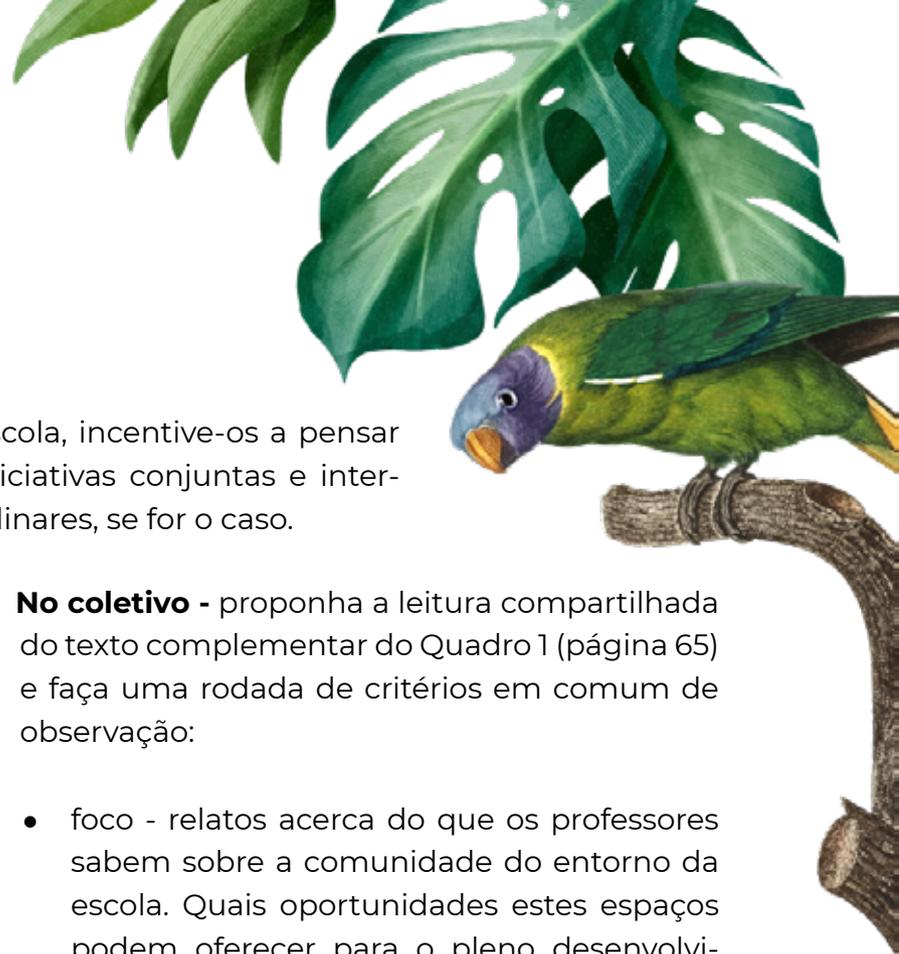
Organize o grupo para a criação de um roteiro de observação dos espaços abertos, especialmente fora da escola, com potencial para serem usados em experiências de aprendizagem ao ar livre. Sua intervenção será fundamental para que o roteiro alcance o potencial de uso de espaços no bairro, assim como dos saberes do território. Acompanhe de perto a construção dos roteiros.

Cada professor realizará o roteiro na comunidade de sua escola. No entanto, a elaboração do roteiro deve prever o trabalho em equipe. Havendo mais de um professor da mes-

ma escola, incentive-os a pensar em iniciativas conjuntas e interdisciplinares, se for o caso.

c.1. **No coletivo** - proponha a leitura compartilhada do texto complementar do Quadro 1 (página 65) e faça uma rodada de critérios em comum de observação:

- foco - relatos acerca do que os professores sabem sobre a comunidade do entorno da escola. Quais oportunidades estes espaços podem oferecer para o pleno desenvolvimento dos estudantes?
- registro - estimule os docentes a realizarem uma caminhada pela comunidade documentando sequências de ações, gestos e



movimentos que as crianças realizam nos espaços ao ar livre e na relação entre elas; as sequências de ações durante o uso e ocupação dos espaços; quais espaços que melhor acolhe as crianças e quais os espaços em que elas estão ausentes e os motivos aparentes. Sugira como ferramentas de registro formas de documentar o roteiro de observação e fazer o mapeamento dos espaços, podem ser utilizadas câmeras - para fotos e vídeos -, desenhos e mapas, narrativas escritas etc.

- c.2. **No subgrupo** - peça que seja estruturado o roteiro a partir de aspectos como: quais espaços serão observados? Em que período a observação ocorrerá? Quais crianças ou qual criança pode nos auxiliar na observação? Quais são e como são os espaços fora da escola usados pelas crianças? O que elas fazem em cada espaço? Quanto tempo ficam neles? Há desafios para a plena utilização dos mesmos? Há melhorias a fazer neste espaço público? Qual o órgão responsável? Quais oportunidades estes espaços podem oferecer para o pleno desenvolvimento dos estudantes?

Acompanhe as discussões e intervenha ponderando aspectos como faixa etária, observação sobre momentos de livre iniciativa das crianças ou, ainda, momentos dirigidos por atores e outras iniciativas no uso desses espaços.

Obs.: o roteiro não esgota as descobertas e novos critérios que possam surgir da própria observação. Não deixe de abrir esta conversa com os professores e de novamente convidá-los a observar a comunidade por meio de uma caminhada, visita e apreciação do entorno com o roteiro em mãos.



QUADRO 1

Território e Currículo

Quando iniciamos um trabalho com a intenção de desemparedar a infância e promover a aprendizagem ao livre, é comum encontrarmos barreiras, algumas comuns e outras específicas de cada território. Algumas barreiras são associadas à disponibilidade e qualidade dos espaços, outras são problemas sociais enfrentados, como a segurança pública e as desigualdades econômicas. Entretanto, as barreiras mais determinantes são de ordem cultural, que se relaciona com o modo que costumamos exercer as práticas educativas e conceber o uso dos espaços. Para construirmos uma mudança desta natureza, é preciso tempo e estudo de referências que ajudem a mudar nosso olhar sobre os espaços fora da sala de aula. Entre eles, destacamos aqui concepções de educação integral e territórios educativos. O texto abaixo foi adaptado da publicação [Currículo e Educação Integral na Prática: Referências para Estados e Municípios](#), do Centro de Referências em Educação Integral, e busca oferecer alguns subsídios para começar esta mudança.

A FORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Os territórios educativos são constituídos por comunidades de aprendizagem, ou comunidades de prática de construção de conhecimento, formadas por atores que estão dentro e fora da escola. O conceito de comunidade de aprendizagem engloba a ideia de um *diálogo intersetorial* em torno de um “projeto educativo e cultural próprio para educar a si (a comunidade de aprendizagem), suas crianças, seus jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências”². Significa potencializar agentes educativos enquanto instituições formadoras, incluindo na escola as práticas comunitárias, assim como articular os saberes curriculares com espaços dentro e fora das escolas.

SABERES DE UM TERRITÓRIO

Os saberes são os modos de ser e fazer de cada território, e refletem a cultura de um local e o contexto no qual uma comunidade está inserida. São conhecimentos socialmente

² TORRES, R. M. A educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem. In: Muitos lugares para aprender. São Paulo: CENPEC/Fundação Itaú Social/UNICEF, 2003. Citado por: FARIA, A. B. G. de. O Pátio escolar como território [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs). *O lugar do pátio escolar no sistema de áreas livres: uso, forma e apropriação*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011. p. 39.

construídos e estão presentes em todos os territórios, ainda que não sejam percebidos como tal. Os *saberes locais* conduzem a um reconhecimento: perceber e conceber práticas da vida cotidiana, como hábitos, valores, memórias e histórias dos que residem no território.

Sob a perspectiva da educação integral, esses saberes operam como insumos, vivências e contextualização do processo educativo empreendido por escolas e organizações sociais do território como museus, bibliotecas, entre outros equipamentos. Ao receberem intencionalidade educativa, os saberes locais contribuem para a construção de aprendizagens significativas e relevantes para crianças e adolescentes. Essas vivências, percepções e concepções 'espontâneas', ou seja, práticas e conhecimentos prévios com os quais chegam à escola, abrem um contexto significativo para as aprendizagens que ocorrerão na escola, podendo ampliá-las, problematizá-las e valorizá-las.

COMPOSIÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Um território é composto por agentes, espaços, dinâmicas e saberes de um lugar e torna-se educativo quando seus potenciais educativos são identificados e passam a ser aciona-

dos por intencionalidades pedagógicas e relações com o currículo da escola.

- 1 **Agentes** - pessoas, coletivos ou instituições (públicas ou privadas) que atuam direta ou indiretamente naquele local, modificando suas dinâmicas, gerando demandas ou realizando intervenções.
- 2 **Espaços** - ambientes naturais (como praças e áreas verdes), instituições (dentro e fora de edificações) e os lugares (espaço físico dotado de significado, de identidade que atribui sentido e valor afetivo e social).
- 3 **Dinâmicas** - processos naturais e sociais que ocorrem no território: eventos climáticos, festas, rituais, deslocamentos, enfim, processos que caracterizam formas de uso do território.
- 4 **Saberes** - modos de ser e fazer de cada território, refletem a cultura de um local e o contexto no qual uma comunidade está inserida. São reconhecidos como componentes curriculares igualmente importantes aos conhecimentos científicos.

NOTA 2

A realização desta etapa pressupõe um intervalo de tempo entre as etapas 2 e 3.

a. Mostra de observações das crianças e suas experiências no - e com o - entorno da escola (duração de 1 hora, a depender da quantidade de trabalhos para a mostra)

Uma das metodologias apropriadas para a mostra é a de uma feira: o espaço pode estar organizado com bancas onde, enquanto um público circula, o outro se apresenta. Pode-se dividir em dois momentos: no primeiro, alguns participantes apresentam seus registros em suas 'bancas' e, posteriormente, alterna-se para os demais. Importante garantir recursos eletrônicos como notebooks ou projetores em quantidade suficiente para que, simultaneamente, se conheça os diversos trabalhos. Tudo, claro, a depender da quantidade de participantes. Os professores podem



usar a criatividade e expor de diferentes formas, os suportes de imagens e áudio visuais podem ajudar muito como fotos, mapas e até pequenos vídeos podem compor a exposição dos aspectos chamaram a atenção na relação da criança com estes espaços e destaque aqueles que possuem potencial para compor o ecossistema educativo no bairro.

b. Com o apoio de um projetor, apresente o Quadro 2. Neste momento, você convidará os professores a articularem as observações de seus trabalhos com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC.

Em que medida a observação da ocupação e da participação das crianças na comunidade indica parcerias ou novos arranjos no planejamento da turma?

Há relação entre o uso dos espaços observado e o potencial para a promoção de direitos de aprendizagem e desenvolvimento, bem como dos objetivos de aprendiza-

gem, no caso da EI, ou com as áreas de conhecimento e componentes curriculares do EF? De que modo? Descreva a relação observada.

Quais parcerias ou quais arranjos podem ser construídos para se empregar intencionalidade educativa na integração dos usos desses espaços ao currículo da escola?

Foram observados espaços que demandam intervenção para que todas as crianças possam ocupar e participar? Quais apoios devem ser construídos para tanto?

Considere que o processo de investigação dos docentes sobre os roteiros pode não esgotar toda a análise necessária. Além disso, pode ser necessário um tempo maior na acomodação de algumas observações e da reflexão realizada. Por isso, se for necessário, retome a análise em outro momento. (duração de 1 hora)

b.1. Leitura dos Quadros 1 e 2

b.2. Anotação das primeiras associações das observações com a BNCC

b.3. Outras associações - disponibilize exemplares da BNCC para consulta em meio impresso e digital, para que novas descobertas sejam feitas

b.4. Sistematize, no Quadro 3, o conjunto das associações feitas entre os níveis de ensino, as áreas, objetivos de aprendizagem e campos de experiências.



QUADRO 2

Quais saberes da escola e do território podem contribuir para o alcance de objetivos propostos pela BNCC?

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	FAIXA ETÁRIA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
O eu, o outro e o nós	Bebês	(EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.
	Crianças bem pequenas	(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
Corpo, gestos e movimentos	Bebês	(EI01CG02) Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiadoresdesafiantes.
	Crianças bem pequenas	(EI02CG02) Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.
	Crianças bem pequenas	(EI02CG03) Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	FAIXA ETÁRIA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
Traços, sons, cores e formas	Crianças bem pequenas	(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Bebês	(EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.
		(EI01ET04) Manipular, experimentar, arrumar e explorar o espaço por meio de experiências de deslocamentos de si e dos objetos.
	Crianças bem pequenas	(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).
		(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
Crianças pequenas	(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.	

Área: ciências da natureza

Componente curricular: componente curricular

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Matéria e energia	Propriedades físicas dos materiais; ciclo hidrológico; consumo consciente; reciclagem	(EF05CI02) Aplicar os conhecimentos sobre as mudanças de estado físico da água para explicar o ciclo hidrológico e analisar suas implicações na agricultura, no clima, na geração de energia elétrica, no provimento de água potável e no equilíbrio dos ecossistemas regionais (ou locais).
		(EF05CI03) Selecionar argumentos que justifiquem a importância da cobertura vegetal para a manutenção do ciclo da água, a conservação dos solos, dos cursos de água e da qualidade do ar atmosférico.
		(EF05CI04) Identificar os principais usos da água e de outros materiais nas atividades cotidianas para discutir e propor formas sustentáveis de utilização desses recursos.
		(EF05CI05) Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana.

Área: ciências da natureza

Componente curricular: componente curricular

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Terra e Universo	Escalas de tempo	(EF01CI05) Identificar e nomear diferentes escalas de tempo: os períodos diários (manhã, tarde, noite) e a sucessão de dias, semanas, meses e anos.
	Pontos cardeais; calendários, fenômenos cíclicos e cultura	(EF04CI10) Comparar as indicações dos pontos cardeais resultantes da observação das sombras de uma vara (gnômon) com aquelas obtidas por meio de uma bússola.
	Constelações e mapas celestes; movimento de rotação da Terra; periodicidade das fases da Lua; instrumentos óticos	(EF05CI13) Projetar e construir dispositivos para observação à distância (luneta, periscópio etc.), para observação ampliada de objetos (lupas, microscópios) ou para registro de imagens (máquinas fotográficas) e discutir usos sociais desses dispositivos
Vida e Evolução	Seres vivos no ambiente; plantas	(EF02CI05) Investigar a importância da água e da luz para a manutenção da vida de plantas em geral.
	Características e desenvolvimento dos animais	(EF03CI04) Identificar características sobre o modo de vida (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam etc.) dos animais mais comuns no ambiente próximo.

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Conexões e escalas	Experiências da comunidade no tempo e no espaço	(EF02GE04) Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares.
	Paisagens naturais e antrópicas em transformação	(EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.
Formas de representação e pensamento espacial	Localização, orientação e representação espacial	(EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Produção, circulação e consumo	(EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reuso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno (EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.
	Conservação e degradação da natureza	(EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.

Área: ciências humanas

Componente curricular: história

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
A noção de espaço público e privado	A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental	(EF03HI10) Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.
Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	(EF04HI04) Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais	(EF04HI03) Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.

Área: linguagens

Componente curricular: artes

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Artes visuais	Processos de criação	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.
Dança	Elementos da linguagem	(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.

Área: ciências da natureza

Componente curricular: ciências

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Terra e Universo	Sistema Sol, Terra e Lua Clima	(EF08CI16) Discutir iniciativas que contribuam para restabelecer o equilíbrio ambiental a partir da identificação de alterações climáticas regionais e globais provocadas pela intervenção humana.
Vida e evolução	Diversidade de ecossistemas; fenômenos naturais e impactos ambientais; programas e indicadores de saúde pública	(EF07CI07) Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas.
	Hereditariedade; ideias evolucionistas; preservação da biodiversidade	(EF09CI12) Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diferentes tipos de unidades (parques, reservas e florestas nacionais), as populações humanas e as atividades a eles relacionados. (EF09CI13) Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.

Área: ciências humanas

Componente curricular: ciências

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.

Área: linguagens

Componente curricular: educação física

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Esportes	Esportes de marca; esportes de precisão; esportes de invasão; esportes técnico-combinatórios	(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura na natureza	(EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.
		(EF89EF20) Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.
		(EF89EF21) Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.

ETAPA 4

- a. Retome o percurso até este momento - da apreciação do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* até a mostra de observações e articulação com a BNCC. Divida novamente os objetivos da pauta e escute os professores sobre como percebem este movimento formativo em curso. (20 minutos)**

Uma das metodologias apropriadas para a mostra é a de uma feira: o espaço pode estar organizado com bancas onde, enquanto um público circula, o outro se apresenta. Pode-se dividir em dois momentos: no primeiro, alguns participantes apresentam seus registros em suas 'bancas' e, posteriormente, alterna-se para os demais. Importante garantir recursos eletrônicos como notebooks ou projetores em quantidade suficiente para que, simultaneamente, se conheça os diversos trabalhos. Tudo, claro, a depender da quantidade de participantes.



- b. Proponha o planejamento de uma intervenção ou arranjos no ambiente externo para a utilização de espaços ao ar livre na comunidade do entorno, garantindo a intencionalidade educativa. (1 hora)**

O que deve ser considerado:

- b.1. Ponto de partida - observação, análise e descobertas feitas a partir do roteiro construído e debatido nas Etapas 2 e 3. Qual intencionalidade educativa será empenhada? Qual objetivo se tem?
- b.2. Definição da intervenção - quais parcerias devem ser concebidas para o alcance do objetivo? Quais arranjos curriculares no tempo, espaço, agrupamento, materiais devem ser previstos para sua consecução?



b.2.1. Analisar se o planejamento considera que as turmas são constituídas por crianças com interesses, ritmos e necessidades diferentes, trazendo propostas alternativas e apontando apoios (comunicação, mobilidade ou percepção) necessários para atender às diferenças e especificidades da(s) criança(s). O plano traz sugestões para organização das crianças de forma a envolver a todas, inclusive aquelas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação

b.3. Parcerias necessárias - quais atores internos e externos são corresponsáveis neste planejamento? Como eles serão engajados e em quais papéis?

b.4. Cronograma e etapas

b.5. Execução - como os estudantes serão envolvidos e atuarão neste plano?

b.6. Documentação e celebração

Obs.: ajude os professores a construir planejamentos possíveis e viáveis dentro de seus papéis e da realidade escolar. Planos que envolvem mudanças na infraestrutura escolar ou mesmo da comunidade são necessários nas redes públicas e privadas. Contudo, a competência de resolução foge ao controle dos professores. Portanto, sempre é válido lembrar que o foco da pauta é a gestão dos processos de ensino e aprendizagem e as transformações possíveis no curto e médio prazo.

c. Socialização dos planejamentos (30 minutos)

Em roda, peça que os participantes apresentem seus planejamentos. Considere como indicadores de análise:

- A aprendizagem e bem-estar do estudante no centro da proposta.
- A clareza da intencionalidade educativa, dos objetivos de aprendizagem e desen-



volvimento e da articulação com a BNCC, com o currículo da rede e da escola.

- A viabilidade do planejamento observada a partir de pequenos arranjos possíveis no cotidiano e na gestão da sala de aula.
- Construção colaborativa do planejamento - atores envolvidos na busca da solução espacial pretendida e no alcance da intencionalidade educativa.

d. Como encerramento, declame ou convide um dos educadores para declamar o poema *Periferia lado bom* de Ferréz. Quadro 3 (10 minutos)

Nota

O processo de formação de professores demanda não apenas atenção aos processos de planejamento, como também à prática profissional. Por esse motivo, recomendamos que, na sequência desta pauta formativa, seja foco da formação a avaliação do desenvolvimento do estudante, do processo de aprendizagem e das estratégias de ensino a partir do planejamento construído.

QUADRO 3

Periferia lado bom

Periferia tem seu lado bom
Manos, velas, e futebol no campo
Meninas com bonecas e não com filhos
Planejando assim um futuro positivo

Sua paz é você que define
Longe do álcool, longe do crime
A escola é o caminho do sucesso
Pro guerreiro honrar desde o começo

E dizer bem alto que somo a herança
De um país que não promoveu as mudanças
Sem atrasar ninguém rapaz
Fazendo sua vida se adiantar na paz

Jogando bolinha, jogando peão
Vi nos olhos da criança a revolução
Que solta pipa pensando em voar
Para não ver o barraco que era o seu lar

Periferia lado bom o que você me diz
Alguns motivos pra te deixar feliz
Longe do álcool, longe do crime
Sua paz é você que define

E nessa pipa no céu eu vi planar
A paz necessária para se avançar
Ânimo, positivismo em ação
Hip-Hop cultura de rua e educação

Foi assim que criaram e assim que tem que ser
O mestre de cerimônia rimando pra você
Enquanto o DJ troca as bases
O grafiteiro pinta todo o contraste

Da favela para o mundo
O caminho do Rap pelo estudo
Por isso eu não me iludo
Roupa de marca não é meu escudo

Eu já te disse no começo
Estudar do sucesso é o preçõ
Porque conhecimento é maior que o tempo
Então positivismo pra vencer vai vendo

*In: FERRÉZ. Datiló-
grafo do gueto. São
Paulo: RFSP, 2019. -
(Selo povo; 9)*

8. AVALIAÇÃO DA PAUTA (30 MINUTOS)

Chame os **educadores** para avaliar com você todo o percurso do encontro. Proponha perguntas disparadoras, como:

Para sua autoavaliação como **formador**:



Como vocês avaliam este momento?

O que passamos a enxergar nas crianças e na escola que antes estava oculto?

O que poderia ter sido diferente nesta pauta?

Quais percepções, considerações, falas ou gestos dos educadores chamaram a sua atenção?



Quais iniciativas sobre a aprendizagem ao ar livre se mostraram viáveis e quais ainda demandam maior aprofundamento?

O que isso revela sobre o trabalho da formação?

Quais demandas ou desafios se apresentam para a continuidade da formação deste grupo docente?

9. PRÓXIMOS PASSOS (CONTINUIDADE DO PROCESSO FORMATIVO)

Esta pauta formativa se encerra em um momento de planejamento de novas intervenções na gestão da sala de aula, a partir da observação das crianças. É importante que a formação acompanhe o progresso e a execução dos planejamentos, apoiando com os novos aportes teóricos ou metodológicos que surgirem. A rede também deve valorizar os planos realizados, reunindo-os em uma coletânea digital de boas práticas ou, ainda, por meio da organização de mostras como a sugerida nesta pauta. As práticas dos professores são bons conteúdos formativos e podem mobilizar outros docentes a transformarem suas ações em benefício das aprendizagens e do desenvolvimento em espaços abertos e naturais.



10. INSPIRAÇÕES OU MATERIAIS COMPLEMENTARES

Vídeos

[A natureza como lugar de acolhimento](#)

[Do tamanho que o planeta é](#)

Livros

[Desemparedamento da Infância: a escola como lugar de encontro com a natureza](#)

[Currículo e Educação Integral na Prática: uma referência para estados e municípios](#)

[Cidades para brincar e sentar](#)

Site

[Centro de Referências em Educação Integral](#)

[Criança e Natureza - Acervo](#)



CAPÍTULO 3

TERRA, ALIMENTOS E ORIGENS DA VIDA





Em certas fases do desenvolvimento infantil é comum escutar "o que é isso?" e "por que?". Crianças têm uma curiosidade inata de conhecer e decifrar os fenômenos do mundo. De saber sobre a origem das coisas.

Nesta história, iremos conhecer a iniciativa dos **Huertos Milpazul** na Cidade do México, no México. É um espaço de promoção de permacultura nos ambientes escolares. Lá, as crianças cultivam regularmente suas perguntas sobre a vida natural no manejo da terra e dos alimentos. Uma relação com a natureza essencial, que pode ser estimulada por famílias e escolas. Como diz a idealizadora da iniciativa Fabienne Ginon:

Precisamos nos dar conta de que a Terra é nossa melhor professora. Então, por que não colocar as crianças dentro do laboratório de vida que é uma horta, para que aprendam com ela?

TEMPOS E CICLOS DO QUE É VIVO

- 
- *Cadê as minhocas?*
- *Estão na casa delas, diz a professora.*
- *Por quê?*
- *Para vê-las, cuidar delas, para nos dar seu cocô para alimentar as plantas, lembram?*



- Ali elas não pegam sol?
- Isso mesmo.
- As minhocas fazem cocô duro?
- Olhem o cocô delas. O que acham?



- Não sabia que faziam cocô.
- Claro que fazem cocô!
- Quero tocá-las.



- Eu também!
- Me dá!
- Dá para sentir.





O ambiente escolar é um espaço de práticas sociais onde as crianças podem construir saberes e atitudes a partir das interações com os demais estudantes, com os adultos, o espaço e todos os seus elementos. No Brasil, atualmente, é a instituição onde passam a maior parte do tempo.

Por isso, há uma grande oportunidade de cada vez mais afirmar a escola como um ambiente de acesso ao patrimônio natural, social e cultural existente, no diálogo e intercâmbio com patrimônios de origens diversas e na sua ampliação.

Diferentes transformações econômicas, sociais e culturais, e a desigualdade de oportunidades que alguns grupos da população sofrem, afastaram crianças e adolescentes, sobretudo aquelas que vivem nas cidades, de uma relação direta, viva, consciente e crítica com a natureza.

David Sobel, professor emérito de educação na Antioch University em New England, relata esse distanciamento e enfatiza a necessidade de incluir essa perspectiva nos currículos escolares por meio do cultivo da terra. Segundo ele:

Na nossa cultura, não ordenhamos vacas, não criamos nossas galinhas, não plantamos nossos alimentos. Os adultos não consideram nada disso importante, então isso não faz parte do que acreditamos que é importante para as crianças. Sempre pensei que todo o currículo escolar de ensino fundamental deveria focar na origem das coisas



– Oba. Amo isto.



– Esta?



– Vamos regar as plantas.



As atividades que envolvem hortas podem ser incluídas com periodicidade (semanal, quinzenal e até mesmo diária); com envolvimento da comunidade, tanto escolar como aquela além dos muros das escolas, ampliando sua capacidade de relação com o território.



O pátio escolar, assim como o quintal, o jardim da igreja, pode ser facilmente revegetado apenas plantando espécies nativas, que trarão insetos e pássaros. Cultivar uma horta pode ser algo profundo, porque a criança vai ver o solo se transformar em alimento.

Scott D. Sampson, diretor-executivo da
California Academy of Sciences

Com isso, mesmo que não haja espaço para produção de uma horta dentro do ambiente escolar, é possível, como diz o pesquisador Scott D. Sampson, pensar em alternativas que envolvam outros espaços por meio de parcerias no território.

Como descreve Fabienne Ginon do Huertos Milpazul no vale do México, os Xochimilcas começaram a construir *chinampas*, que são ilhas feitas com lama e galhos, para ter terra fértil e espaço para plantar. E as crianças puderam conhecer a origem dessa tradição e dos alimentos.



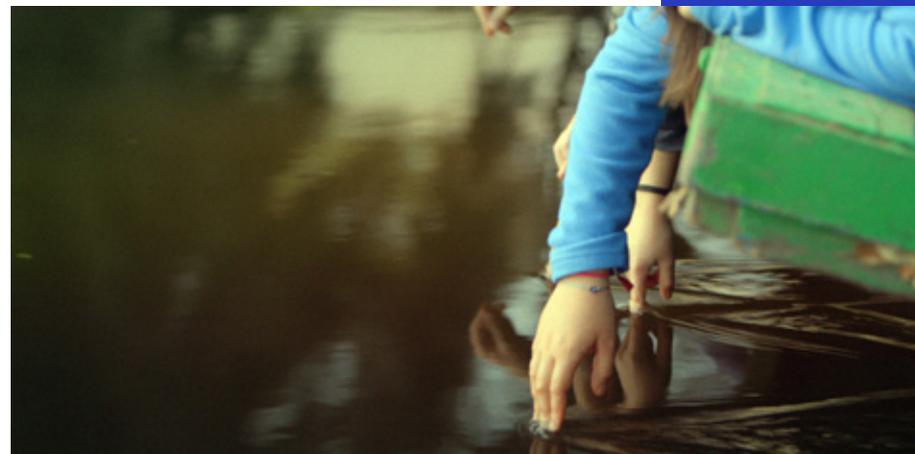
– Olhe, aqui temos salsa, mostarda, couve-nabo, brócolis, mostarda japonesa, couve-flor, borragem e beterraba.

- Você sabe de onde vem o alimento que consome?
Como ele é produzido?
- Por quem?



- Está pronto
para colher.

A aproximação com a origem dos alimentos ensina muito sobre ciclos. Arar, plantar, nascer, cuidar e colher. A natureza se expressa por meio de sua presença física nos espaços e também através do tempo. O que é vivo está o tempo todo em processo de transformação. Assim como as crianças sentem o crescimento no próprio corpo, compreendem por meio do cultivo da terra que os ciclos existem em tudo o que é vivo, como o dia que nasce e anoitece. Promove uma percepção de ser parte de um todo que pulsa.



Já trabalhei com várias gerações, desde crianças de um ano e meio até 12 anos de idade. E as crianças que saem daqui aos 12 anos partem muito conectadas com a natureza, porque sentem que faz parte de suas vidas, parte da sua escola, parte do seu dia.

Fabienne Ginon  

Idealizadora Huertos Milpazul

A inclusão da horta nas práticas pedagógicas é uma forma de promover experiências significativas das crianças com a natureza. Por isso, vale lembrar que a horta deve ser contextualizada no projeto político-pedagógico, tratada com intencionalidade educativa e receber um intenso investimento na sua relação com o currículo escolar e com cada etapa da educação básica.

Os resultados da implementação de hortas nos ambientes escolares são muitos. Mariana, aluna que participou das atividades do coletivo Huertos Milpazul nos diz:



Todo esse processo dá uma sensação muito satisfatória, porque você semeia, depois transplanta, depois espera, depois cresce e depois pode comer. É muito importante saber de onde as coisas vêm, senão, não saberemos de onde viemos, porque nós viemos da terra, não é a terra que vem de nós.

Mariana, aluna Huertos Milpazul





Fabienne Ginon, idealizadora Huertos Milpazul, convida a refletir sobre outras competências que são observadas no trabalho intencional e prolongado com hortas escolares, como aquelas em que as ações pessoais e coletivas são baseadas no cuidado consigo, com o outro e com o meio ambiente. Em que os princípios que regem essas ações são de solidariedade e sustentabilidade.



Elas mesmas começam a observar as necessidades da horta. Por exemplo, quando o balde de composto peneirado está vazio, elas mesmas decidem peneirar mais composto, porque é o que a horta precisa. As crianças aprendem a cuidar do seu habitat, do mundo natural, e também, de certa forma, aprendem a cuidar de si mesmas.

Fabienne Ginon   
Idealizadora Huertos Milpazul

Nesta história vimos, por meio de atividades do cultivo da terra, dos alimentos e da investigação sobre a origem das coisas, brotar nas crianças noções de interdependência entre os seres vivos. A criação de um vínculo saudável com a terra é estruturante na educação de crianças e adolescentes capazes de exercer com criticidade e criatividade o cuidado e conservação do planeta. Afinal, só desejamos proteger o que amamos.



HUERTOS MILPAZUL

Huertos Milpazul é um coletivo de professoras de jardinagem que trabalham principalmente em escolas na Cidade do México. Misturando permacultura e ecologia profunda, a associação sem fins lucrativos promove cursos para educadores, agricultura para crianças, intervenções em escolas com hortas em espaços verdes, criação de materiais educativos e educação ao ar livre. A atuação é norteadada pelos princípios de autonomia e liberdade das crianças.

Para saber mais sobre a Huertos Milpazul, acesse: <https://www.instagram.com/huertosmilpazul/?hl=pt>

Caro(a) formador(a) de professores(as)

A história que você acaba de conhecer narra uma iniciativa de uso de hortas, dentro ou fora das escolas, como oportunidade para as crianças criarem relações profundas e significativas com as origens da vida, seus ciclos e frutos da terra.

Diante do cenário de grande “cacofonia alimentar”⁴, onde são estimulados cada vez mais o consumo exacerbado de alimentos industrializados, e no qual a escolha do que comer é individualizada, as hortas escolares podem ter um efeito contrário: a observação atenta e o cuidado em grupo com o cultivo dos alimentos cria vínculos afetivos que são benéficos para as crianças. Um importante contraponto ao aumento do consumo de produtos alimentícios industrializados, gerador de uma grave consequência cientificamente comprovada na saúde infantil: o aumento da obesidade.

Os vínculos criados vão além da relação com os alimentos produzidos, estendem-se ao ambiente escolar, à comunidade e seus meios de produção e à natureza. Compreender como a horta escolar pode ser um laboratório vivo e articulador de diferentes campos do conhecimento, além de tornar visíveis as aprendizagens e habilidades conquistadas por estudantes, ainda é um grande desafio formativo para docentes.

A pauta formativa a seguir convida professores a identificar, pesquisar e qualificar as oportunidades de aprendizagem por meio do estudo sobre a origem das coisas, com o cultivo de hortas.

Paula Mendonça e Raquel Franzim

⁴ (COELHO; BÓGUS; 2016)

PERCURSO FORMATIVO

1. OBJETIVO FORMATIVO

Compreender os benefícios da aprendizagem ao ar livre no desenvolvimento integral das crianças

Reconhecer as oportunidades para aprendizagem ao ar livre em diferentes campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Planejar a partir de modalidades organizativas, sejam elas permanentes, em sequência ou projetos didáticos, como experiências com a origem das coisas ou uma horta escolar

2. RESULTADOS ESPERADOS

- Que as práticas de alimentação sejam trabalhadas na escola a partir de uma perspectiva sistêmica e integral de cuidado, educação e direito à natureza.
- Que os professores, em articulação com os demais profissionais da comunidade escolar, viabilizem de maneira intencional e regular, em seus planejamentos, as práticas pedagógicas com horta.
- Que os professores observem e documentem ativamente as experiências de bebês e crianças em ambientes como o de hortas, nas seguintes frentes:
 - » objetivos de aprendizagem e campos de experiência associados à BNCC na educação infantil
 - » as hipóteses, pesquisas, percepções, expressões e iniciativas de bebês e crianças
 - » as áreas, competências, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades associados à BNCC, nos anos iniciais do ensino fundamental



3. A QUEM SE DESTINA

Professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental.

NOTA

Para a utilização desta pauta formativa com professores de educação infantil, considere ajustes e adaptações necessários para que, independentemente da faixa etária, as escolas da infância (de zero a 12 anos) assegurem o direito à natureza.

4. TEMPO ESTIMADO

Oito horas, sendo sua organização a depender da realidade da rede/escola. Sugere-se que este tempo seja organizado em dois blocos de quatro horas ou quatro blocos de duas horas. Privilegie a organização do tempo da formação em função do desenvolvimento por etapas (ver mais em "Desenvolvimento").



5. SUGESTÕES DE MATERIAIS

Computador ou outro equipamento com áudio para exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora*, projetor, cópia da pauta formativa, papel, cartolinas ou outros suportes para registros, como canetas, lápis de cor, giz de cera, carvão, giz pastel e canetinhas.

6. ESPAÇO E AMBIÊNCIA SUGERIDOS

Reserve um espaço com pouca claridade e com pouco ruído externo para que a experiência de assistir à produção audiovisual seja prazerosa. Os demais momentos podem ocorrer em ambientes como salas e auditórios amplos para rodas de conversa, trabalhos em pares e projeções de materiais visuais. Para a conversa fluir, você pode pensar em espaços com almofadas ou ao ar livre. Considere um lugar onde todas as pessoas possam se enxergar e escutar entre si. Círculos ou semicírculos são ideais, mas sua viabilidade depende da quantidade de participantes. Se necessário, organize práticas em subgrupos para que a etapa seja mais bem aproveitada por todos e para potencializar a troca e a cooperação entre participantes.

7. DESENVOLVIMENTO

ETAPA 1

a. Exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* (90 minutos)

Antes de iniciar, apresente o Plano de Formação de Educadores ao seu grupo. Conte como cada etapa está organizada, qual a duração, os materiais e os resultados esperados. Organize a exibição do filme para o grupo. Você pode, antes ou depois da exibição, compartilhar informações básicas sobre o filme (veja a página completa no [hotsite](#)). Vale também levantar as expectativas dos educadores para o momento ou, ainda, convidá-los a pensar sobre o título do filme.



b. Roda de conversa (30 minutos)

Dependendo da quantidade de educadores, você pode organizar uma única roda ou pequenos grupos. A ideia aqui é que os participantes sintam-se à vontade para compartilhar percepções, sentimentos e reflexões provocados pela apreciação do filme. Você pode retomar as expectativas levantadas ou retomar a reflexão causada no grupo pelo título do filme. Esteja atento e aberto a esse momento de escuta. Anote as colocações dos educadores. Intervenha não apenas na gestão do tempo, mas também na alternância de vozes. Peça que todos cuidem com você deste momento.





ETAPA 2

a. Leitura da história (20 minutos)

Projete a história para que o grupo realize a leitura compartilhada. Ela também pode ser lida por meio de cópias impressas. Independente do suporte, deixe o momento da leitura ser compartilhado entre os educadores. Não tenha pressa: leia com as pausas, entonação e intenção que ela merece. Não passe rápido as imagens. Ajude seu grupo a pousar os olhos sobre elas, que tanto nos contam também. Neste momento é necessário ter em mente o objetivo formativo do encontro e sempre dividi-lo com os docentes.

b. Leitura analítica (40 minutos)

Em pares, convide os professores a identificarem os seguintes aspectos da história e a tomarem nota em um suporte gráfico coletivo, onde todos os demais participantes também anotem.

O problema:
desafios para
crianças, adultos
e educadores,
entre outros

As soluções:
estratégias,
colaborações e
inovações

Os benefícios:
desenvolvimento e
aprendizagem para
as crianças, para
adultos educadores e
para a escola/rede

Após 20 minutos, reúna o grupo para observar as anotações em comum, a diversidade de observações ou questões pouco percebidas e, ainda, instigue-o a levantar perguntas que a história não responde. Tome nota.

c. Criação de um planejamento sobre a origem das coisas a partir da organização de uma horta escolar

c.1. Em grupo, identifique os saberes e práticas do grupo docente. Proponha uma conversa inicial. Apoie-se no roteiro abaixo ou faça ajustes de acordo com as experiências prévias do grupo ou da rede de ensino.

- Quais práticas com horta escolar os docentes já conhecem ou fazem?
- Quais as condições necessárias?
- Quais os principais desafios a serem superados para que sua prática potencialize a conexão da criança com a natureza e as aprendizagens essenciais para o seu desenvolvimento?

Tome nota dos relatos.

c.2. Eleja critérios para a organização do grupo, que poderá ser em subgrupos ou duplas. Cada professor pode ter seu próprio planejamento afinado ao contexto específico de seu grupo de crianças ou rea-

lidade escolar. Contudo, construir o planejamento de maneira colaborativa e dialogada pode qualificar as propostas. Escolas próximas podem buscar soluções em conjunto sobre espaços e materiais, otimizando recursos.

Escute os professores sobre a organização e valorize o trabalho em equipe.

c.3. Desenvolvimento do objetivo a partir da identificação dos campos de experiências e objetivos de desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil.

ou

Desenvolvimento do objetivo a partir da identificação das unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades nos anos iniciais do ensino fundamental.

Disponibilize, por meio de projeção ou impressão, quadros destacados da BNCC educação infantil ou anos iniciais do fundamental para apoiar o desenvolvimento dos objetivos.

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	FAIXA ETÁRIA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
O eu, o outro e o nós	Bebês	(EI01EO03) Interagir com crianças da mesma faixa etária e adultos ao explorar espaços, materiais, objetos, brinquedos.
		(EI01EO05) Reconhecer seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.
		(EI01EO06) Interagir com outras crianças da mesma faixa etária e adultos, adaptando-se ao convívio social.
	Crianças bem pequenas	(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.
		(EI02EO03) Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.
	Crianças pequenas	(EI03EO06) Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida.

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	FAIXA ETÁRIA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
Corpo, gestos e movimentos	Crianças bem pequenas	(EI02CG05) Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros.
	Crianças pequenas	(EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.
Traços, sons, cores e formas	Crianças bem pequenas	(EI02TS02) Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.

EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	FAIXA ETÁRIA	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO
Corpo, gestos e movimentos	Bebês	(EI01ET01) Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, cor, sabor, temperatura).
		(EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas.
		(EI01ET05) Manipular materiais diversos e variados para comparar as diferenças e semelhanças entre eles.
	Crianças bem pequenas	(EI02ET01) Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).
		(EI02ET02) Observar, relatar e descrever incidentes do cotidiano e fenômenos naturais (luz solar, vento, chuva etc.).
		(EI02ET03) Compartilhar, com outras crianças, situações de cuidado de plantas e animais nos espaços da instituição e fora dela.
Crianças pequenas	(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.	

Área: ciências da natureza

Componente curricular: ciências

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Matéria e energia	Propriedades físicas dos materiais; ciclo hidrológico; consumo consciente; reciclagem	(EF05CI05) Construir propostas coletivas para um consumo mais consciente e criar soluções tecnológicas para o descarte adequado e a reutilização ou reciclagem de materiais consumidos na escola e/ou na vida cotidiana.
Terra e Universo	Escalas de tempo	(EF01CI06) Selecionar exemplos de como a sucessão de dias e noites orienta o ritmo de atividades diárias de seres humanos e de outros seres vivos.
	Características da Terra; observação do céu; usos do solo	(EF03CI09) Comparar diferentes amostras de solo do entorno da escola com base em características como cor, textura, cheiro, tamanho das partículas, permeabilidade etc.
		(EF03CI10) Identificar os diferentes usos do solo (plantação e extração de materiais, dentre outras possibilidades), reconhecendo a importância do solo para a agricultura e para a vida.

Área: ciências da natureza

Componente curricular: ciências

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Vida e Evolução	Seres vivos no ambiente; plantas	(EF02CI04) Descrever características de plantas e animais (tamanho, forma, cor, fase da vida, local onde se desenvolvem etc.) que fazem parte de seu cotidiano e relacioná-las ao ambiente em que eles vivem.
		(EF02CI05) Investigar a importância da água e da luz para a manutenção da vida de plantas em geral.
		(EF02CI06) Identificar as principais partes de uma planta (raiz, caule, folhas, flores e frutos) e a função desempenhada por cada uma delas, e analisar as relações entre as plantas, o ambiente e os demais seres vivos.
	Cadeias alimentares simples; microrganismos	(EF04CI06) Relacionar a participação de fungos e bactérias no processo de decomposição, reconhecendo a importância ambiental desse processo.

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Conexões e escalas	Paisagens naturais e antrópicas em transformação	(EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.
	Território, redes e urbanização	(EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
Mundo do trabalho	Trabalho e inovação tecnológica	(EF05GE07) Identificar os diferentes tipos de energia utilizados na produção industrial, agrícola e extrativa e no cotidiano das populações.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Condições de vida nos lugares de vivência	(EF01GE10) Descrever características de seus lugares de vivência relacionadas aos ritmos da natureza (chuva, vento, calor etc.).

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Os usos dos recursos naturais: solo e água no campo e na cidade	(EF02GE11) Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo.
	Produção, circulação e consumo	(EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reúso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno.
	Impactos das atividades humanas	(EF03GE09) Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos.

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Conservação e degradação da natureza	(EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.
	Diferentes tipos de poluição	(EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.

Área: ciências humanas

Componente curricular: história

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	(EF04HI04) Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.
O trabalho e a sustentabilidade na comunidade	A sobrevivência e a relação com a natureza	(EF02HI11) Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive.

Área: ciências da natureza

Componente curricular: ciências

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Terra e Universo	Sistema Sol, Terra e Lua	(EF04HI04) Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas.
Vida e evolução	Mecanismos reprodutivos; sexualidade	(EF08CI07) Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
	Hereditariedade; ideias evolucionistas; preservação da biodiversidade	(EF09CI12) Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diferentes tipos de unidades (parques, reservas e florestas nacionais), as populações humanas e as atividades a eles relacionados.
		(EF09CI13) Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

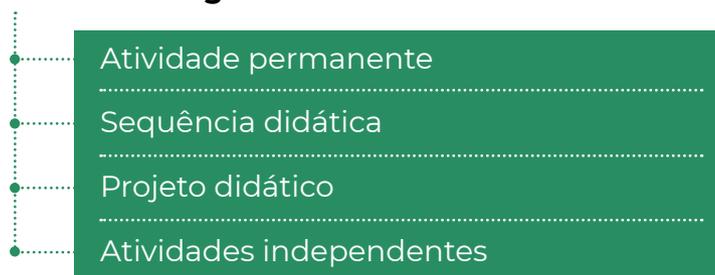
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.

Circule entre os agrupamentos, acompanhe as trocas e intervenha sempre que os objetivos parecerem amplos e genéricos.

- c.4. Definição da modalidade organizativa: quais práticas com horta escolar os docentes já conhecem ou fazem?

É importante auxiliar o grupo a respeito da melhor modalidade organizativa para a horta escolar. Relembre os docentes a partir da definição de cada uma das modalidades. Anote seus saberes sobre cada uma delas e contraste com o material de referência indicado. Estipule um tempo para os agrupamentos conversarem sobre a modalidade organizativa.

Modalidade Organizativa



O Centro de Referências em Educação Integral construiu uma série de cadernos para apoiar a construção de currículos alinhados à educação integral nas redes municipais e estaduais de educação em todo o país. Para saber mais sobre isso e sobre a referência conceitual de modalidades organizativas acesse o [Caderno 1 - Currículo e educação integral na prática: uma referência para estados e municípios](#), nas páginas 91 a 93 e o [quadro síntese](#).

- c.5. Construção do planejamento de ensino

Cada professor, cada escola e cada rede tem uma maneira própria de construir um planejamento de ensino. Essa diversidade pode e deve ser valorizada, atentando a aspectos comuns que todo planejamento deve prever. Compartilhe algumas referências sobre este conteúdo e posteriormente sobre planejamento com o grupo.

Planejamento de ensino

Educação infantil

Qual a atividade com horta - conhecer, plantar, cuidar ou colher

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento

Momentos antes da proposta: experiências e saberes do grupo de crianças, materiais, espaços, tempo, identificação de barreiras e oferta de apoio para a plena inclusão de todas as crianças

Durante a proposta: intervenção docente, observação, adaptações razoáveis para a plena inclusão de todas as crianças, registro

Após a realização da proposta: continuidade, documentação e engajamento com a família

Ensino fundamental anos iniciais e finais

Áreas

Ano ou série

Objetivo de aprendizagem

Habilidades da BNCC ou Currículo Estadual Municipal

Organização dos tempos, espaços e materiais

Desenvolvimento

Identificação de barreiras e ofertas de apoio para a plena inclusão de todas as crianças

Fechamento e continuidade da proposta

A Associação Nova Escola construiu [Planos de Aula](#) totalmente gratuitos e alinhados à BNCC. Você pode conhecer melhor o material feito de professor para professor, que contou com o apoio técnico do Instituto Alana na etapa da educação infantil.

Circule entre os agrupamentos, acompanhe as trocas e intervenha sempre que o desenvolvimento do planejamento apresentar desafios de viabilidade, ou que suas estratégias e intervenções não conduzirem ao alcance do objetivo. Administre o tempo deste momento.

Ao final do encontro, peça aos professores para que documentem a realização do planejamento por meio de registro escrito e visual (fotografias ou vídeos). E preparem para o próximo encontro uma reflexão sobre o registro feito para ser compartilhada com os demais professores participantes.



ETAPA 3

A realização desta etapa pressupõe um intervalo de tempo entre as etapas 2 e 3.

- a. **Organize a turma em grupos de até 4 professores, a depender do total de participantes da formação.**
- b. **Informe o tempo da proposta e convide cada professor a relatar sua experiência com a realização do planejamento aos colegas. Para a conversa trazer à tona aspectos interessantes, projete no telão ou anote em um quadro os aspectos a serem levados em conta:**

Quais percepções fazemos sobre os relatos?

Quais pontos do planejamento da proposta e de sua realização foram positivos? Por quê?

Quais pontos do planejamento e da realização demandam atenção? Por quê?

Quais intervenções foram necessárias para qualificar as oportunidades de aprendizagem das crianças na horta?



Qual continuidade está prevista para este planejamento?

Quais descobertas, perguntas, hipóteses e sentimentos as crianças manifestaram na experiência com a horta escolar?

- c. **Acompanhe as conversas em grupo e, se possível, incentive novos agrupamentos para que os professores possam narrar e escutar diferentes propostas realizadas.**

ETAPA 4

- a. Retome o percurso até este momento - da apreciação do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* até os relatos de práticas sobre os planejamentos construídos. Divida novamente os objetivos da pauta e escute os professores sobre como percebem o movimento formativo em curso. (20 minutos)



- b. Convide-os a pensar se a experiência com a horta escolar também está contribuindo com mudanças de atitude em sua vida pessoal. Como os professores têm cuidado da alimentação em suas vidas? E da sua relação pessoal com ambientes ao ar livre e natureza?
- c. Selecione imagens de hortas escolares para ampliar as referências do grupo e estimular a continuidade das propostas.

8. AVALIAÇÃO DA PAUTA (30 MINUTOS)

Chame os **educadores** para avaliar com você todo o percurso do encontro. Proponha perguntas disparadoras, como:

Para sua autoavaliação como **formador**:

Como vocês avaliam este momento?

O que passamos a enxergar nas crianças e na escola que antes estava oculto?

O que poderia ter sido diferente nesta pauta?

Quais percepções, considerações, falas ou gestos dos educadores chamaram a sua atenção?



Quais iniciativas sobre a aprendizagem ao ar livre se mostraram viáveis e quais ainda demandam maior aprofundamento?

O que isso revela sobre o trabalho da formação?

Quais demandas ou desafios se apresentam para a continuidade da formação deste grupo docente?

9. PRÓXIMOS PASSOS (CONTINUIDADE DO PROCESSO FORMATIVO)

Esta pauta formativa se encerra em um momento de reflexão sobre a realização de um planejamento com práticas de horta escolar. A rede deve valorizar os planos realizados, reunindo-os em uma coletânea digital de boas práticas ou, ainda, por meio da organização de mostras de relatos. As práticas dos professores são bons conteúdos formativos e podem mobilizar outros docentes a transformarem suas ações em benefício da aprendizagem e do desenvolvimento em espaços abertos e naturais.

10. INSPIRAÇÕES OU MATERIAIS COMPLEMENTARES

Filme

[O Começo da Vida 2: Lá Fora](#)

Livros:

[Desemparedamento da Infância](#)

[Dedo Verde na Escola: Cultivando a Alfabetização Ecológica na Educação Infantil](#), de Mônica Pilz Borba

[Horta escolar: uma sala de aula ao ar livre](#), de Amanda Frug (coordenação)

Materiais

[Obesidade em Crianças e Adolescentes: uma responsabilidade compartilhada](#)

[Guia para pequenos criadores de Tinis](#)

Outras iniciativas que fomentam uma relação viva com os ciclos e origens da vida

TiNis: crie vida e natureza dentro da sua casa

TiNi é um pedaço de terra para crianças e adolescentes cultivarem vida, gerando bem-estar para a natureza, para outras pessoas e para si mesmos. O objetivo é nutrir o vínculo afetivo criança-natureza para que criem empatia por todas as formas de vida e cresçam como agentes de transformação para um mundo sustentável. Esse projeto é inspirado na experiência da ANIA, de Joaquín Leguía, no Peru, e já existe em diversos países, incluindo agora o Brasil.

Para saber mais, acesse: <https://www.tinis.com.br/>



CAPÍTULO 4

**PARQUES, ÁREAS
PROTEGIDAS E
NATUREZA SELVAGEM**



Estes são estudantes da Escola da Serra e, como muitos outros adolescentes, gostam de passear em seus momentos de lazer em centros de comércio em sua cidade.

Esses centros, em sua maioria, são espaços fechados que hiperestimulam o consumo de produtos, marcas e modos de ser, de conviver e de participar do mundo. Muitas vezes, reforçam e reproduzem estereótipos de gênero, etários, raciais e morais. Entretanto, são considerados pelas famílias como os locais

mais seguros para os adolescentes terem momentos de lazer com alguma liberdade.

As experiências familiares, comunitárias e escolares desempenham um papel significativo na constituição de crianças e adolescentes enquanto pessoas em formação. E, assim como ocorre com outros meninos e meninas, eles passam por um período da vida definido por intensas e diversas modificações biopsicossociais entre o final da infância e todo o curso da adolescência.



Neste grupo de amigas, durante o intervalo escolar, umas contam às outras as novidades, notícias e coisas que fizeram, enquanto navegam em redes sociais pelo seu celular. Mesmo em meio à desigualdade de acesso em nossa sociedade, o desenvolvimento e a educação de crianças e adolescentes é cada vez mais atravessado por diferentes recursos, ambientes digitais e práticas sociais mediadas por tecnologias.

Na escola, as transformações vividas por adolescentes e as mudanças de uma sociedade cada vez mais hiperconectada

impõem desafios complexos aos projetos educativos, aos currículos, à organização escolar e às relações sociais conectadas e não conectadas.



Na saída, um grupo de amigos se reúne para ver algo que chamou a atenção na internet, por exemplo um tutorial de jogo. Por ali, eles vão aprender dicas de como passar de fases, adquirir recursos e funcionalidades do *game* e se divertir com a linguagem casual e próxima do apresentador, muitas vezes tão jovem como eles.

Como vemos nas imagens da página anterior, se por um lado as telas são fonte de informação, convivência, entretenimento e expressão juvenil, por outro elas ocupam o espaço e o tempo da interação consigo, com o outro e com a cidade, do sono de qualidade e dos exercícios físicos.

O uso excessivo de telas - muitas vezes não mediado ou problematizado por famílias, escolas e sociedade em geral³ - está associado ao aumento da incidência de doenças crônicas, como obesidade, disfunções oculares, sintomas de ansiedade e depressão e, ainda, à cultura de desinformação causada pelas 'fake news' e a propagação de ódio, preconceitos e violência. Tudo isso tem também efeitos significativos na formação psíquica de crianças e adolescentes.

³ Como enunciado no artigo 227 da Constituição Federal, é prioridade absoluta, ou seja, dever do Estado, das famílias e da sociedade assegurar os direitos e o melhor interesse das crianças e adolescentes. Portanto, empresas e desenvolvedores de tecnologia são igualmente responsáveis pelo desenvolvimento de produtos e serviços que garantam a proteção de crianças e adolescentes de qualquer exploração comercial ou concepção e design que acarretem prejuízos aos seus direitos, como o de desconectar-se, por exemplo. Isso vale também para produtos e serviços que não são destinados a este público, mas que são utilizados por ele. Para saber mais sobre a responsabilidade compartilhada por famílias, sociedade e Estado, acesse o [site](#) Ser criança no mundo digital.

Dentro das escolas, este cenário social se soma, em muitos casos, a um ambiente escolar fechado em salas de aula, com arquitetura predominantemente cimentada e pouca relação com o território onde a escola está inserida. Para Sérgio Godinho, diretor da Escola da Serra, privada, em Belo Horizonte (MG), a escola acaba sendo um reflexo e um reforço a uma concepção de mundo que privilegia o ter em detrimento do ser e restringe o potencial de desenvolvimento e educação das crianças.





A não natureza da cidade, aquele confinamento que a maioria das crianças e adolescentes vive, aquela restrição de espaço, eu acho que isso empobrece demais as experiências de vida dos adolescentes. Porque eles também estão acostumados, pela imposição da sociedade de consumo, a achar que a vida depende do acúmulo de uma montanha de cacarecos.

Sérgio Godinho 

Esta história narra o que aconteceu quando Sérgio Godinho integrou à proposta pedagógica da escola, ao final do ensino fundamental, a realização de um acampamento num lugar não estruturado, como resposta à realidade percebida no cotidiano escolar, nas transformações sociais e os impactos da falta de conexão com a natureza na infância e na adolescência.

Com o projeto político-pedagógico (PPP) fundamentado em uma concepção construtivista e de educação integral, pautado pela valorização da diversidade e da democracia, a proposta do acampamento na Serra do Cipó contribuiu à consolidação de um projeto de escola que tem como objetivo maior “formar pessoas capazes de pensar e agir como seres históricos, conscientes do seu papel no processo de transformação de si mesmos e do mundo, e que reconheçam para os outros a mesma esfera de dignidade e autonomia que exigem para si”, como apontado no PPP da escola.

Sérgio explica melhor a ideia:



A ideia de fazer um acampamento surgiu há 15 anos. A minha ideia era criar um currículo cheio de experiências para os alunos. Eu não queria uma escola que fosse só uma escola comum, eu queria que fosse uma escola que oferecesse experiências significativas de vida, experiências que pudessem marcá-los e transformá-los, no sentido de pessoas melhores [...] Eu entendo que o aprendizado que é proporcionado por essa experiência é a vivência que eles têm aqui. Todo o mundo de experiências, muitas delas imponderáveis, que cada uma dessas crianças, desses adolescentes, tem aqui, tanto individualmente quanto em grupo.

Sérgio Godinho



Nosso convite é que você reflita como uma das principais finalidades educativas nos anos finais do fundamental e no ensino médio da educação básica - a autonomia - pode ser conquistada gradualmente quando a relação com a natureza compõe o PPP da escola.

SE VOCÊ NUNCA VEIO NUM LUGAR DESSE, VOCÊ NÃO CONHECE O MUNDO

Estudantes se reúnem em ônibus para a Serra do Cipó. Este é um dos últimos momentos em que a conexão com a internet estará disponível.



Ainda no ônibus, os estudantes observam paisagens às vezes desconhecidas. Diferente da agitação dos centros urbanos, elas pedem um repouso no olhar e no escutar o que se passa dentro de si e lá fora.

Ao chegar, os estudantes vivem todo o processo da montagem de um acampamento: as tarefas de cada um, o local, o uso de ferramentas disponíveis, entre outras atividades.





Separar os alimentos e as quantidades por dia de acampamento e número de pessoas, gerir o tempo de preparo e os instrumentos, rememorar receitas e paladares familiares, servir e ser servido, dividir a refeição em meio a conversas e miragens.



Diz Daniel Godinho, estudante da escola. Assim como ele, muitos vão pela primeira vez preparar seu próprio alimento. E vão conseguir!

A ausência do encontrar tudo pronto e a ocupação do tempo com os afazeres cotidianos, com a manutenção do básico: fazer fogo, limpar o acampamento, cuidar de sua roupa, cozinhar, traz a nítida percepção de que é preciso cooperar para

que tudo funcione. O acampamento é um campo de interação que torna mais vívida a noção do coletivo.



Os adultos pensam que a gente consegue muito menos do que a gente consegue de verdade.





Eu cheguei, vi que era um lugar todo aberto, que você podia fazer o que quisesse, andar, correr... Você, basicamente, está livre. É o oposto do que acontece quando você está na cidade. É muito boa essa sensação de estar livre mesmo.

Max Serretti Godoy

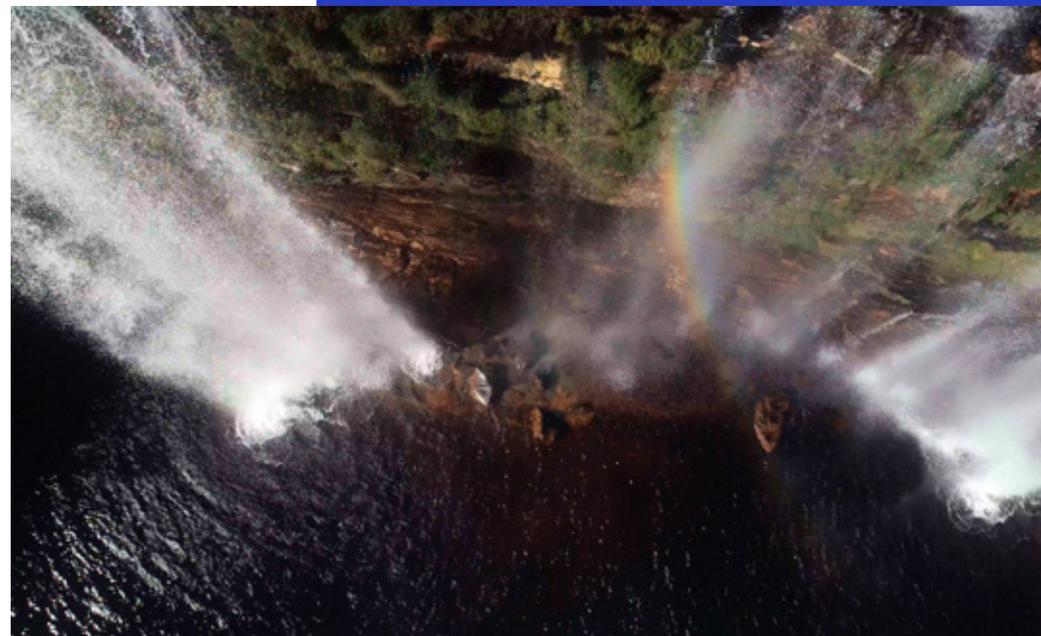
Aluno



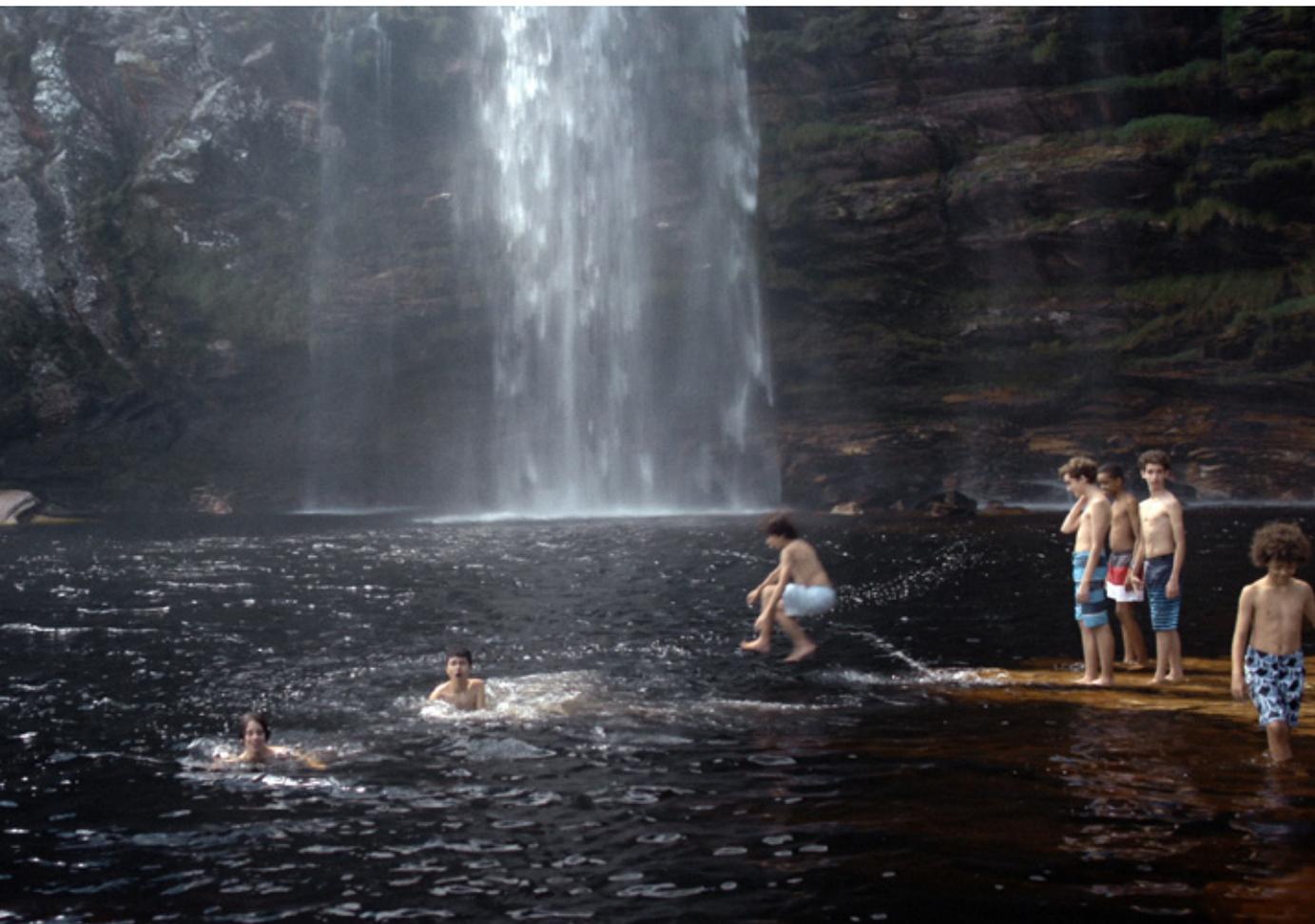
O exercício da liberdade é uma aprendizagem humana fundamental. Além de ser um espaço privilegiado para isto, a natureza propicia a noção de interdependência das coisas - e, portanto, de uma liberdade com responsabilidade - e ainda desperta capacidades nas crianças e adolescentes que os adultos não imaginam que elas possam ter.

Para Peter Kahn, professor de psicologia e de ciências ambientais da Universidade de Washington, os benefícios são ainda maiores: “a natureza provoca muitas sensações em nós. Quando estamos na natureza, uma parte de nós fica mais viva, e também sentimos algo na nossa mente, ela está apenas presente, consciente, aberta e receptiva. O coração também pode ficar mais aberto e receptivo. Há algo na natureza selvagem que pede atenção. Que permite que a nossa mente se acalme. E, quando isso acontece, a nossa consciência fica mais presente. Portanto, minha sugestão é: desconecte-se. Desconecte-se para que o poder da natureza possa ampliar a consciência humana.”

Há muitas estratégias no caminho do desenvolvimento de uma relação saudável, crítica e produtiva com o ambiente digital. A habilidade de se desconectar é uma delas. Desco-



nectar-se das telas e conectar-se com outras fontes de prazer, alegria e interesse. Neste sentido, proporcionar experiências frequentes e significativas para as crianças em meio à natureza pode ajudá-las a construir um repertório de interesses e sensações que vai ajudá-las a perceber que há muitas outras formas de conviver e interagir com o mundo, para além das telas de seus dispositivos.



O compromisso de realizar uma educação de fato integral, que vá além do reconhecimento das diferentes dimensões que compõem a pessoa humana e passe a ativar isso de maneira intencional na formação de estudantes, requer ampliar as possibilidades e iniciar uma profunda reorganização das práticas educativas. Práticas essas que não separam o conhecer do sentir, do fazer, do conviver. De sentir-se pertencente a uma comunidade maior do que a da família, da escola, do bairro: uma casa comum, a Terra, junto com todas as suas demais formas de vida.



Para Daniel Godinho, a natureza é uma jornada de conhecimento. Ele afirma:



Isso aqui é tão bonito, e muita gente nem conhece isso direito. Isso é muito triste. Porque o mundo originalmente é assim. Se você não conhece um lugar que ainda é como o mundo era há milhões de anos, você não conhece o mundo direito. Você pode ter ido em todas as capitais do mundo, mas se você nunca veio num lugar desse, você não conhece o mundo.







Eu acho que uma coisa que mudou foi que eu cheguei lá muito mais confiante de mim mesma e eu me senti muito mais autônoma.

Falabella de Queiroz
Lopes, aluna

O que as crianças aprenderam com esta experiência de acampamento? Quais conhecimentos estão envolvidos? O conhecimento construído a partir das experiências com o corpo cria memórias próprias, diferentes daqueles vividos na mediação com os livros e tecnologias.

Os desafios que a natureza trouxe aos estudantes despertaram uma noção de autonomia, propiciaram maior consciência sobre si, o outro e o ambiente natural ao seu redor. Irene Falabella de Queiroz Lopes volta a afirmar que acampar é um exercício de confiança, base fundamental na construção de projetos pessoais:

Ademais, estimulou o sentido de fazer parte do todo, conhecimento que fundamenta uma consciência ambiental, tão importante para o enfrentamento de desafios do presente (como as mudanças climáticas), dos quais as crianças são parte e também herdeiras.

Para Richard Louv, autor do livro *A Última Criança na Natureza*, a educação com a - e na - natureza se expande para além de uma construção de projeto pessoal: dialoga com e fundamenta a construção de um projeto coletivo de sociedade e de planeta.



Nas últimas décadas, a natureza tem se tornado algo cada vez mais abstrato para as crianças. É uma frase legal numa camiseta, um documentário para ser assistido na televisão. Se as crianças pensarem na natureza como algo abstrato, não vão se importar tanto com ela. Podem se importar num nível intelectual, mas a não ser que realmente molhem as mãos e sujem os pés, que entrem em contato físico com a natureza, elas não vão criar uma conexão com ela. E se grande parte dessa geração ou das gerações seguintes estiverem cada vez mais desconectadas da natureza, de onde virão os próximos defensores do planeta? Sempre haverá ambientalistas, mas se não tomarmos cuidado, eles carregarão a natureza numa pasta de documentos e não no coração.

Richard Louv, autor do livro
A Última Criança na Natureza



ESCOLA DA SERRA

A Escola da Serra ocupa o prédio do antigo convento dos dominicanos, em Belo Horizonte (MG). Dispõe de uma estrutura física privilegiada. São 2.000 m² de área livre e arborizada, com dois amplos pátios (um deles específico para a educação infantil, com tanque de areia, playground e casinha de brincar). Existem cinco grandes salões para os estudos, um laboratório, um auditório, uma quadra coberta e uma descoberta para a prática de esportes, além de outros ambientes.

Para saber mais sobre a Escola da Serra, acesse:
<https://www.escoladaserra.com.br/>

Caro(a) formador(a) de professores(as)

A história que você acaba de conhecer narra a iniciativa da Escola da Serra de promover um acampamento no Parque Nacional da Serra do Cipó, situado no município de Santana do Riacho (MG), próximo à região metropolitana de Belo Horizonte. Esta iniciativa significou oferecer aos estudantes da escola, que moram na zona urbana, experiências inéditas junto a um ecossistema preservado. O parque é composto por uma vegetação de cerrado e de campos rupestres, possui uma rica diversidade de flora e fauna e oferece aos estudantes a oportunidade de vivenciarem esta proximidade de uma natureza selvagem.

Outro ponto forte da experiência é a vivência do acampamento: montar sua própria barraca, fazer a comida coletivamente, estar e vivenciar os desafios apresentados pela natureza, em que nada está pronto e com acesso facilitado, como encontramos nas cidades. A vivência no acampamento sem apelos de consumo e acesso a tecnologias abre espaço para que outras experiências aconteçam e que as crianças se sintam capazes de solucionar alguns desafios ou mesmo de liderar ações, fortalecendo o processo de autonomia.

Os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio são segmentos da educação básica propícios para esta vivência educativa.

Esta história convida a olhar para o território de uma perspectiva mais ampla, dentro e fora da zona urbana da cidade, os lugares em que podemos encontrar uma natureza mais preservada. A reunião de esforços de professores de diferentes áreas do currículo, aliada às políticas da rede, no caso das públicas, ou, ainda, a parceiros da comunidade escolar pode viabilizar iniciativas similares.

Há ainda municípios que guardam áreas preservadas dentro de seus perímetros urbanos ou zonas rurais, parques com reservas nativas que proporcionam, mesmo com adaptações no tempo (menos dias, sem necessidade de dormir, por exemplo), uma experiência educativa como essa.

Não se trata aqui da modalidade de estudo do meio, que também tem alto valor pedagógico. Esta prática se diferencia pelo objetivo de ser da própria experiência no acampamento, desta relação com a - e na - natureza que advêm os aprendizados.

Logo, refere-se a um conjunto de experiências que integram, na prática, todas as dimensões previstas no que se entende como educação integral.

A escola é uma instituição que manifesta toda sua intenção política e pedagógica por meio do currículo. É por isso que os

seus aprendizados podem e devem ser desdobrados no antes, no durante e no depois da viagem.

A pauta formativa a seguir convida professores a pesquisar oportunidades que favoreçam as experiências ao ar livre e o contato com uma natureza mais selvagem para crianças e adolescentes.

Acompanhe o percurso formativo e faça os ajustes que julgar necessários para a realidade de sua rede ou escola ou, ainda, para as demandas formativas dos docentes.

Paula Mendonça e Raquel Franzim



PERCURSO FORMATIVO

1. OBJETIVO FORMATIVO

Compreender os benefícios da aprendizagem ao ar livre no desenvolvimento integral das crianças e adolescentes

Planejar propostas de atividades em ambientes naturais preservados

Elaborar um estudo sobre os potenciais das áreas preservadas dentro e fora das zonas urbanas

Reconhecer as oportunidades para aprendizagem COM A - e NA - natureza e relacionar aos conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

2. RESULTADOS ESPERADOS

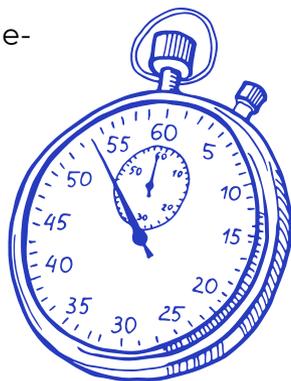
- Que os professores viabilizem oportunidades de aprendizagem em ambientes naturais mais preservados dentro ou fora da zona urbana da cidade.
- Que os professores assumam uma perspectiva pedagógica flexível do ponto de vista da organização curricular, privilegiando projetos ou iniciativas interáreas.

3. A QUEM SE DESTINA

Professores do ensino fundamental anos finais e ensino médio.

4. TEMPO ESTIMADO

Oito horas, sendo sua organização a depender da realidade da rede ou escola. Sugere-se que este tempo seja organizado em dois blocos de quatro horas ou quatro blocos de duas horas. Privilegie a organização do tempo da formação em função do desenvolvimento por etapas (ver mais em "Desenvolvimento").



5. SUGESTÕES DE MATERIAIS

Computador ou tablet com conexão à internet para pesquisas, equipamento com áudio para exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora*, projetor, cópia da pauta formativa, papel, cartolinas ou outros suportes para registros, como canetas, lápis de cor, giz de cera, carvão, giz pastel e canetinhas.

6. ESPAÇO E AMBIÊNCIA SUGERIDOS

Reserve um espaço com pouca claridade e com pouco ruído externo para que a experiência de assistir à produção audiovisual seja prazerosa. Os demais momentos podem ocorrer em ambientes como salas e auditórios amplos para rodas de conversa, trabalhos em pares e projeções de materiais visuais. Para a conversa fluir, você pode pensar em espaços com almofadas ou ao ar livre. Considere um lugar onde todas as pessoas possam se enxergar e escutar entre si. Círculos ou semicírculos são ideais, mas sua viabilidade depende da quantidade de participantes. Se necessário, organize práticas em subgrupos para que a etapa seja mais bem aproveitada por todos e para potencializar a troca e cooperação entre participantes.

7. DESENVOLVIMENTO

ETAPA 1

a. Exibição do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* (90 minutos)

Antes de iniciar, apresente o Plano de Formação de Educadores ao seu grupo. Conte como cada etapa está organizada, qual a duração, os materiais e os resultados esperados. Organize a exibição do filme para o grupo. Você pode, antes ou depois da exibição, compartilhar informações básicas sobre o filme (veja a página completa no Videocamp/hotsite). Vale também levantar as expectativas dos educadores para o momento ou ainda convidá-los a pensar sobre o título do filme. Aproveitar para levantar uma reflexão sobre o título do filme em função do segmento da educação básica. Perguntas como: o que o 'começo da vida' pode nos inspirar a pensar sobre a transição da infância para a adolescência? O que deve ser preservado e continuado? Quais transformações abrem novas oportunidades para as crianças?



b. Roda de conversa (30 minutos)

Dependendo da quantidade de educadores, você pode organizar uma única roda ou pequenos grupos. A ideia aqui é que os participantes sintam-se à vontade para compartilhar percepções, sentimentos e reflexões provocados após a apreciação do filme. Você pode retomar as expectativas levantadas ou retomar a reflexão do grupo sobre o título do filme. Esteja atento e aberto a esse momento de escuta. Anote as colocações dos educadores. Intervenha não apenas na gestão do tempo, mas também na alternância de vozes. Peça que todos cuidem com você deste momento. A diversidade de formações dos docentes do seu grupo pode gerar muitas discussões, e sobre perspectivas distintas. Valorize e busque evidenciar as conexões entre as áreas, lembrando a todos a importância de um currículo não fragmentado e tampouco alheio ao contexto de vida dos estudantes e à fase de vida em que se encontram.

Neste momento, apresente aos professores o percurso formativo e a organização curricular por projeto e interárea.

ETAPA 2

a. Leitura da história (20 minutos)

Projete a história para que o grupo realize a leitura compartilhada. Ela também pode ser feita por meio de cópias impressas. Independente do suporte, deixe o momento da leitura ser compartilhado entre os educadores. Não tenha pressa: leia com as pausas, entonação e intenção que ela merece. Não passe rápido as imagens. Ajude seu grupo a pousar os olhos sobre elas, que tanto nos contam também. Neste momento, é necessário ter em mente o objetivo formativo do encontro e sempre dividi-lo com os docentes.



b. Leitura analítica da história (40 minutos)

Em pares, convide os professores a identificar os seguintes aspectos da história e a tomar nota em um suporte gráfico coletivo, onde todos os demais participantes também realizem suas anotações:

O problema:

desafios para crianças, adultos e educadores, entre outros

As soluções:

estratégias, colaborações e inovações

Os benefícios:

desenvolvimento e aprendizagem para as crianças, para adultos educadores e para a escola/rede

As condições:

quais condições foram criadas ou necessárias para viabilizar a iniciativa

Após 20 minutos, reúna o grupo para observar as anotações em comum, a diversidade de observações ou questões pouco percebidas e, ainda, instigue-o a levantar perguntas que a história não responde. Tome nota.

c. Leitura de contexto (30 minutos)

Em círculo, peça aos professores que reflitam sobre os contextos de vida dos estudantes e de suas famílias. Vá organizando o registro sempre de maneira que todos acompanhem e possam qualificar o debate a partir do que está sendo apresentado. Você pode intervir com perguntas como: o currículo da escola dialoga com os contextos debatidos? Em qual sentido? Podemos observar a presença da natureza neste contexto? De qual maneira? Como a escola pode atuar na garantia desse direito?

d. Pesquisa e mapeamento dos ambientes naturais preservados do território, da cidade ou da região (1 hora)

Utilizando os recursos tecnológicos disponíveis na escola - computador ou tablet - com conexão à internet, os professo-

res devem se reunir para pesquisar a área natural preservada de sua cidade ou próxima dela. A pesquisa pode identificar:

- as características topográficas, geográficas, de vegetação, fauna e flora
- a história do lugar
- processos legais e de regulamentação da área
- comunidades locais que vivem ao redor da área
- ativos culturais e turísticos
- manejo e proteção
- desafios e riscos
- infraestrutura de acampamento

Por tratar-se de uma proposta de projeto interárea, enquanto alguns professores pesquisam, os outros podem selecionar os materiais para a construção de uma maquete da área. Caso seja de interesse e viabilidade da escola, a construção da maquete pode ocorrer por meio digital, ou seja, uma maquete 3D. Potencialize os saberes que já circulam entre seus professores. Ao final, antecipe que o encontro seguinte contará com o planejamento do projeto interáreas a partir da maquete elaborada.

Compartilhamento das pesquisas

Inicie o encontro a partir das memórias dos professores do último momento. Convide-os a apresentar as maquetes construídas. A depender da quantidade de participantes, opte por uma estratégia mais dinâmica.

Uma das metodologias apropriadas para tanto é a de uma feira: o espaço pode estar organizado com bancas onde, enquanto um público circula, o outro se apresenta. Pode-se dividir em dois momentos: num primeiro, alguns participantes apresentam suas maquetes em suas 'bancas' e, posteriormente, se alterna para os demais. Importante garantir recursos eletrônicos como notebooks ou projetores em quantidade suficiente para que, simultaneamente, se conheça os diversos trabalhos.

Após este momento, com o apoio de um projetor, apresente o Quadro 1. Neste momento, você instigará os professores a articularem uma visita ou acampamento em uma área natural preservada às competências e habilidades da BNCC ou do currículo da rede. Não é necessário esgotar todo o quadro, mas provocar uma atitude investigativa dos docentes.

a. **Leitura do Quadro 1**

b. **Anotação das primeiras associações das observações com a BNCC**

c. **Outras associações - disponibilize exemplares da BNCC para consulta em meio impresso e digital, para que novas descobertas sejam feitas**

d. **Sistematize o conjunto das associações feitas**



Área: ciências da natureza

Componente curricular: ciências

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Vida e evolução	Diversidade de ecossistemas; fenômenos naturais e impactos ambientais; programas e indicadores de saúde pública	(EF07CI07) Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas.
	Hereditariedade; ideias evolucionistas; preservação da biodiversidade	(EF09CI12) Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diferentes tipos de unidades (parques, reservas e florestas nacionais), as populações humanas e as atividades a eles relacionados.
	Hereditariedade; ideias evolucionistas; preservação da biodiversidade	(EF09CI13) Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.

Área: linguagens

Componente curricular: educação física

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Esportes	Esportes de marca esportes de precisão; esportes de invasão; esportes técnico-combinatórios	(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura na natureza	(EF89EF19) Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.
		(EF89EF20) Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.
		(EF89EF21) Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.

Área: ciências humanas

Componente curricular: geografia

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
Conexões e escalas	Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.

ENSINO MÉDIO

ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13CNT310	Investigar e analisar os efeitos de programas de infraestrutura e demais serviços básicos (saneamento, energia elétrica, transporte, telecomunicações, cobertura vacinal, atendimento primário à saúde e produção de alimentos, entre outros) e identificar necessidades locais e/ou regionais em relação a esses serviços, a fim de avaliar e/ou promover ações que contribuam para a melhoria na qualidade de vida e nas condições de saúde da população.
1º, 2º, 3º	EM13LGG304	Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.
1º, 2º, 3º	EM13LGG305	Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

Área: matemática e suas tecnologias

ENSINO MÉDIO		
ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13MAT105	Utilizar as noções de transformações isométricas (translação, reflexão, rotação e composições destas) e transformações homotéticas para construir figuras e analisar elementos da natureza e diferentes produções humanas (fractais, construções civis, obras de arte, entre outras).
1º, 2º, 3º	EM13MAT201	Propor ou participar de ações adequadas às demandas da região, preferencialmente para sua comunidade, envolvendo medições e cálculos de perímetro, de área, de volume, de capacidade ou de massa.

Área: ciências da natureza

ENSINO MÉDIO		
ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13CNT105	Analisar os ciclos biogeoquímicos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.

ENSINO MÉDIO

ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13CNT203	Avaliar e prever efeitos de intervenções nos ecossistemas, e seus impactos nos seres vivos e no corpo humano, com base nos mecanismos de manutenção da vida, nos ciclos da matéria e nas transformações e transferências de energia, utilizando representações e simulações sobre tais fatores, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais (como softwares de simulação e de realidade virtual, entre outros).
1º, 2º, 3º	EM13CNT206	Discutir a importância da preservação e conservação da biodiversidade, considerando parâmetros qualitativos e quantitativos, e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta.
1º, 2º, 3º	EM13CNT207	Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar.
1º, 2º, 3º	EM13CNT309	Analisar questões socioambientais, políticas e econômicas relativas à dependência do mundo atual em relação aos recursos não renováveis e discutir a necessidade de introdução de alternativas e novas tecnologias energéticas e de materiais, comparando diferentes tipos de motores e processos de produção de novos materiais.

ENSINO MÉDIO

ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13CHS203	Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).
1º, 2º, 3º	EM13CHS204	Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.
1º, 2º, 3º	EM13CHS205	Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
1º, 2º, 3º	EM13CHS301	Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

ENSINO MÉDIO

ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13CHS302	Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais - entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais -, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
1º, 2º, 3º	EM13CHS304	Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
1º, 2º, 3º	EM13CHS305	Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.
1º, 2º, 3º	EM13CHS306	Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

ENSINO MÉDIO

ANO/FAIXA	CÓD. HAB	HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS
1º, 2º, 3º	EM13LP27	Engajar-se na busca de solução para problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, entre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade, pelo consumo consciente e pela consciência socioambiental.
1º, 2º, 3º	EM13LP47	Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

ETAPA 4

a. Retome o percurso até este momento - da apreciação do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora* até a mostra de maquetes e articulação com a BNCC. Divida novamente os objetivos da pauta e escute os professores sobre como têm percebido este movimento formativo em curso. (20 minutos)

b. Proponha a organização dos professores interáreas para o planejamento de uma visita ou acampamento em uma área natural preservada (1 hora)

O que deve ser considerado:

- b.1. Ponto de partida - contexto dos estudantes, pesquisa e mapeamento da área
- b.2. Definição do objetivo do projeto e das habilidades a serem exploradas
- b.3. Cronograma, etapas e divisão das responsabilidades - como cada professor e cada área estará engajada?

b.4. Parcerias necessárias - outros professores? Coordenação/direção da escola? Famílias? Parceiros do território? Secretaria/rede? Outras secretarias ou órgãos de meio ambiente

b.5. Execução - como os estudantes estarão engajados e atuantes neste plano?

b.6. Documentação

c. Socialização dos planejamentos (30 minutos)

Em roda, peça que os participantes apresentem o planejamento do projeto. Considere como indicadores de análise:

- O protagonismo do estudante como centro da proposta
- Os benefícios da aprendizagem ao ar livre
- A articulação com a BNCC
- A articulação e a integração das áreas
- Parcerias e colaboração no projeto - dentro e fora da escola

8. AVALIAÇÃO DA PAUTA (30 MINUTOS)

Chame os **educadores** para avaliar com você todo o percurso do encontro. Proponha perguntas disparadoras, como:

Para sua autoavaliação como **formador**:

Como vocês avaliam este momento?

O que passamos a enxergar nas crianças e na escola que antes estava oculto?

O que poderia ter sido diferente nesta pauta?

Quais percepções, considerações, falas ou gestos dos educadores chamaram a sua atenção?



Quais iniciativas sobre a aprendizagem ao ar livre se mostraram viáveis e quais ainda demandam maior aprofundamento?

O que isso revela sobre o trabalho da formação?

Quais demandas ou desafios se apresentam para a continuidade da formação deste grupo docente?

9. PRÓXIMOS PASSOS (continuidade do processo formativo)

Esta pauta formativa se encerra no momento de planejamento de um projeto interáreas para exploração e conhecimento de uma área natural preservada. É importante que a formação acompanhe o progresso e a execução dos planejamentos, apoiando com os novos aportes teóricos ou metodológicos. A rede também deve valorizar os planos realizados, reunindo-os em uma coletânea digital de boas práticas ou, ainda, por meio da organização de mostras como a sugerida nesta pauta. As práticas dos professores são bons conteúdos formativos e podem mobilizar outros docentes a transformarem suas ações em benefício das aprendizagens e do desenvolvimento em espaços abertos e naturais.

10. INSPIRAÇÕES OU MATERIAIS COMPLEMENTARES

Filme:

[O Começo da Vida 2: Lá Fora](#)



Pílulas do programa Criança e Natureza:

Minidoc: O Começo da Vida 2: Lá Fora - Educação

[Imersão na Natureza em Família](#)

[Transtorno de Déficit de Natureza](#)

[O Desafio da Tecnologia na Infância](#)

[Áreas Naturais Protegidas, Um Patrimônio de Todos Nós](#)

[Encontro de Aprendizizes na Grande Aventura de Viver](#)

Livro:

[Desemparedamento da Infância](#)

A última criança na natureza - Richard Louv

Materiais:

[O que o brincar ao ar livre tem a ver com a conservação da natureza?](#)

[Acampando com crianças: acampar é uma aventura tendo apenas a natureza e uns aos outros](#)

ALANA

Presidente

Ana Lucia Villela

Vice-presidentes

Alfredo Villela Filho

Marcos Nisti

CEO

Marcos Nisti

Diretora de Gestão de Pessoas e Recursos

Lilian Okada

INSTITUTO ALANA

Diretoras-executivas

Carolina Pasquali

Isabella Henriques



EQUIPE DE EDUCAÇÃO

Ana Cláudia Leite

Diana Pallares

Isabel de Barros Rodrigues

Raquel Franzim

PROGRAMA CRIANÇA E NATUREZA

Coordenação

Laís Fleury

Pesquisadora

Maria Isabel Amando de Barros

Assessora Pedagógica

Paula Mendonça

Ponto Focal na Alemanha

Tatiana Cyro Costa

Assessora de Comunicação

Carolina Tarrío

Assessora de Articulação e Mobilização

Thaís Oliveira Chita

Assessora Editorial

Regina Cury

Assistente Administrativo

Marlon Silva de Sousa

Estagiários

Guilherme França Anastácio

Lucy Matos

HISTÓRIAS SOBRE APRENDER E ENSINAR COM E NA NATUREZA: UM PERCURSO FORMATIVO PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Esta publicação foi elaborada a partir do filme *O Começo da Vida 2: Lá Fora*, produzido pela Maria Farinha Filmes e lançado em 2020

Coordenação

Laís Fleury

Concepção e organização da publicação

Paula Mendonça

Raquel Franzim

Redação

Guilherme Anastácio

Paula Mendonça

Raquel Franzim

Projeto gráfico e diagramação

Anelise Stumpf

Crédito de identidade visual do filme

Camila Rodrigues e Anelise Bôa

Revisão do projeto gráfico

Carolina Tarrío

William Nunes

Revisão e preparação de originais

Regina Cury

Fotos

Fotos de Cristina Maranhão (imagens do curso de mobilizadores realizado programa Criança e Natureza em parceria com Movimento Boa Praça e Umapaz/2016)

Fotos de Joel Reichert (imagens das escolas da Rede de Educação Infantil de Novo Hamburgo)

Publicação inspirada em

O COMEÇO DA
VIDA2
LÁ FORA

Iniciativa

alana 

Realização



criancaenatureza.org.br

